

## Igreja no Brasil se mobiliza para a COP30: encontro debate presença e agenda de eventos



Na manhã desta segunda-feira, 15 de setembro, teve início a Reunião Ampliada da Articulação Igreja Rumo à COP30, no Centro Cultural de Brasília (CCB). O encontro, realizado em formato híbrido, reuniu bispos, lideranças e representantes de diferentes instituições e tradições religiosas para avaliar o caminho percorrido até agora e alinhar a presença da Igreja na 30ª Conferência do Clima da ONU (COP30), que acontecerá em Belém (PA), em 2025.

### Oração inter-religiosa e acolhida

A programação começou com um momento de oração inter-religioso conduzido pelo assessor da Comissão Episcopal para o Ecumenismo e o Diálogo Inter-Religioso, padre Marcus Barbosa, e com a participação de representantes de diversas religiões. e de um representante da Iniciativa das Religiões Unidas (URI).

Em seguida, o bispo auxiliar de Brasília e secretário-geral da CNBB, dom Ricardo Hoepers, acolheu a todos e agradeceu a presença dos irmãos de outras tradições religiosas, além de destacar a força e os frutos das Pré-COPs realizadas nas macrorregiões do Brasil que ultrapassaram as fronteiras do país: “Essas experiências mostraram que podemos fazer trabalhos conjuntos em nossas macrorregiões. Os frutos foram além das fronteiras geográficas, alcançando América Latina, Caribe, Ásia e África”.



*Dom Vicente Ferreira. | Fotos: Paulo Augusto Cruz – ASCOM CNBB.*

O bispo da diocese de Livramento de Nossa Senhora e presidente da Comissão Especial para a Ecologia Integral e Mineração, dom Vicente Ferreira, também acolheu todos os participantes e ressaltou a necessidade de unidade e esperança diante dos desafios atuais: “Cresce a necessidade de dar as mãos e superar os conflitos. Que a COP30 abra caminhos de construções coletivas, a exemplo da Campanha da Fraternidade 2025 sobre Fraternidade e Ecologia Integral”.

### Reflexões sobre o caminho global até a COP30

Após a acolhida dos bispos, o antropólogo Aurélio Vianna Júnior apresentou uma análise de conjuntura sobre as articulações em preparação para a COP30. Iniciou sua fala dizendo que os desafios atuais, como guerras, genocídios e crises climáticas, “superam os limites das conferências oficiais”.

Traçando um panorama histórico desde a constituição da Ordem do Pós-Segunda Guerra, lembrou o surgimento da Organização das Nações Unidas (ONU) e das convenções que marcaram o ciclo social das Conferências da ONU, fundamentais para a afirmação de direitos. Foi nesse contexto que as agendas globais passaram a ser pautadas pelos direitos humanos e surgiram novos movimentos sociais (mulheres, negros e ambientalistas), sendo que estes últimos ganharam força diante da reflexão sobre Hiroshima.

Aurélio destacou o papel histórico da Rio 92, que representou uma primeira grande ação multilateral de proteção das florestas e deu origem a convenções centrais, como a de Biodiversidade e a de Mudanças Climáticas.

Para ele, esse foi um marco do socioambientalismo e da vinculação entre pautas sociais e ambientais. “Desde a Rio 92 foram 29 COPs, mas eu diria que, somente a partir do início deste século, o combate às mudanças climáticas passa a reconhecer os sujeitos de direitos”, afirmou.

Chegando à COP 30, observou que movimentos indígenas e quilombolas assumem um protagonismo inédito, ao apresentarem propostas próprias de contribuições nacionalmente determinadas (NDCs), que incluem a garantia de territórios e a preservação das florestas como ativos essenciais no combate às mudanças climáticas. Aurélio ressaltou ainda a necessidade de articular clima e paz, lembrando que “as emissões de guerras não entram nas estatísticas oficiais”, e destacou que esse momento pode favorecer novas alianças multilaterais e a autonomia dos territórios.

### **Resultados parciais da Articulação Igreja Rumo à COP30**



Na segunda parte da manhã, Rocheli Koralewski e Jaqueline Bertoldo, da Secretaria Executiva da Articulação Igreja Rumo à COP30, apresentaram o relatório parcial das ações da iniciativa, intitulado “O cuidado é agora”.

O documento apresenta números sobre a ação da articulação até aqui, como os cinco encontros Pré-COP realizados em todas as regiões do Brasil, a participação de mais de 500 multiplicadores, a publicação de quatro materiais (com outros em produção, incluindo guias, e-books, livro e revista científica) e a circulação mensal de boletins informativos.

O relatório também registra o apoio crescente de mais de 100 organizações que vêm participando ativamente das reuniões ampliadas. O material completo pode ser acessado [clikando aqui](#).

### **Próximos passos**

Durante a tarde, foram apresentadas as atividades previstas para a presença da Igreja na COP30: a Cúpula dos Povos, o Tapiri Ecumênico e Inter-religioso e o Simpósio da Igreja na COP30. Em seguida, os participantes se reuniram em grupos de trabalho para projetar o pós-COP30, identificando prioridades e estratégias para manter viva a articulação em favor da ecologia integral e da paz. As contribuições estão sendo sistematizadas pela coordenação geral e irão orientar os próximos passos da estratégia da Igreja na defesa do cuidado com a Casa Comum.

Ainda no período da tarde, a jornalista Letícia Florêncio, integrante do grupo de trabalho de Comunicação da Articulação, apresentou a versão preliminar do Plano de Comunicação da Igreja na COP30. O documento recebeu sugestões dos representantes das entidades presentes e será consolidado ao longo nos próximos dias.

O encontro foi encerrado com uma oração de envio, conduzida pelo bispo de Sete Lagoas (MG) e membro da Comissão para a Ecologia Integral, dom Francisco Cota, e por dom Vicente de Paula Ferreira. A evento marcou mais um passo na mobilização da Igreja no Brasil rumo à COP30, reafirmando a missão de unir fé, justiça socioambiental e esperança diante dos desafios climáticos globais.

Fonte: CNBB

---

### **Secretário-geral da CNBB discute renovação do Acordo de Cooperação pelos Direitos das Crianças e Adolescentes do Brasil**



O bispo auxiliar de Brasília e secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), dom Ricardo Hoepers, recebeu nesta segunda-feira, 15 de setembro, o irmão José Aderlan Brandão Nascimento e a Francine Junqueira, coordenador e assessora, respectivamente, da área Identidade, Missão e Vocação da União Marista do Brasil.

Eles representam a Mesa Bice Brasil uma rede composta por 14 organismos católicos que atuam desde 2015 na promoção e defesa dos direitos das crianças e adolescentes no Brasil. A CNBB é signatária da Mesa.

A renovação do “Acordo de Cooperação pela Dignidade e Direitos das Crianças e Adolescentes Brasileiros – Mesa Bice Brasil 2025-2030” foi o objeto da conversa.

Além da CNBB, são signatários do acordo a Associação Nacional de Educação Católica do Brasil, Bureau International Catholique de l’Enfance, Cáritas Brasileira, Conferência dos Religiosos do Brasil, Congregação Agostiniana Missionária de Assistência e Educação, Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo, Instituto Migrações e Direitos Humanos, Pastoral da Criança, Pastoral do Menor, Rede Jesuíta Brasil, Rede La Salle, União Brasileira de Educação Católica e União Marista do Brasil.

Fonte: CNBB

---

### **Igreja no Piauí celebra o Jubileu da Esperança com peregrinação ao Santuário de Santa Cruz dos Milagres**

Milhares de romeiros de todas as dioceses do Piauí lotaram o Santuário de Santa Cruz dos Milagres, no último sábado (13), em uma das maiores manifestações de fé e de espiritualidade do estado. A peregrinação marcou a celebração pelo Jubileu 2025 na Província Eclesiástica de Teresina em um gesto público de testemunho da fé cristã e de comunhão das dioceses do Regional Nordeste 4 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB NE 4).



A programação iniciou às 8h da manhã com a acolhida das caravanas de várias cidades do Piauí. De acordo com a Polícia Militar, cerca de 20 mil pessoas entraram no município de Santa Cruz dos Milagres. Em seguida, às 10h, o arcebispo emérito de Teresina, dom Jacinto Furtado, proferiu a catequese “Cruz e esperança no contexto do jubileu”. Após a catequese, foi realizada a celebração da Eucaristia, com a presença dos bispos, padres, religiosos e religiosas, seminaristas e todo o povo de Deus.



Ônibus fretados lotaram os acessos ao santuário, com famílias, jovens e integrantes de diversos movimentos, serviços e pastorais da Igreja no Piauí. Durante todo o dia, os romeiros visitaram o santuário, a igreja matriz e a fonte de onde jorra a água milagrosa, onde fizeram suas orações, agradecimentos e pagaram promessas.

“É um dia de celebrar a comunhão e a unidade das nossas dioceses com o Regional Nordeste 4 com muita alegria, união e fraternidade”, destacou o reitor e pároco de Santa Cruz dos Milagres, padre Raniery. Ele explica que a peregrinação tem um sentido especial no contexto do Ano Jubilar. “É tempo de aprofundarmos a fé, a conversão e o perdão, convidando todos a uma maior ligação com Deus”, acrescentou.



D

e acordo com a Polícia Militar, cerca de 20 mil fiéis entraram em Santa Cruz dos Milagres no dia da celebração pelo Jubileu. Eles se revezaram em 3 espaços sagrados: o santuário, a igreja matriz e o poço. | Foto: CNBB NE4

O Jubileu da Esperança, instituído para ser vivido neste ano de 2025, ainda pelo Papa Francisco, já tem sido celebrado de diversas formas e com várias atividades nas dioceses do Piauí. Para a Igreja, esse jubileu chega em um período de profundas crises e de incertezas no mundo, convidando os cristãos a renovar sua confiança em Deus e a cultivar a esperança como caminho de superação.

Durante a missa da peregrinação, o arcebispo de Teresina e presidente do Regional Nordeste 4 da CNBB, dom Juarez Sousa, destacou a importância espiritual do jubileu e o sentido da peregrinação, agradecendo a presença das comunidades. “Estamos vivendo o Ano Santo, e hoje acolhemos aqui em Santa Cruz as famílias, as juventudes e todas as dioceses do nosso Regional. É um dia de grande alegria e animação espiritual, e será uma bênção também para toda a nossa cidade, que também está em preparação para a grande festa da Exaltação da santa Cruz”, afirmou o bispo.

### **Santa Cruz dos Milagres**

A devoção à Santa Cruz que dá nome à cidade surgiu há mais de duzentos anos, no século XIX. A história remete a uma cruz fincada por um beato, entre as pedras do Rio São Nicolau com ajuda de um vaqueiro, que lhe prometera que ali haveria de acontecer muitos milagres. Os acontecimentos fizeram com que ocorressem romarias para o local, onde hoje está situada a igreja matriz.

A devoção se espalhou com a revelação do primeiro milagre por intercessão da Divina Santa Cruz, segundo o qual a filha do vaqueiro, já desenganada, curou-se após banhar-se no Olho D’água da Santa Cruz. O poço é um dos seus principais pontos de peregrinação, sendo buscado pelos fiéis pelas águas consideradas milagrosas.

A Cruz do Santuário é feita de madeira rústica chamada de “chapadeiro”, da própria região, medindo 1,5 m de comprimento, com 0,80 de envergadura, presa ao centro com um prego de ferro. Atualmente, a romaria à Santa Cruz dos Milagres é considerada a terceira maior do Nordeste. Elas acontecem três vezes por ano, para a celebração da Invenção da Santa Cruz, em maio; da Exaltação da Santa Cruz, em setembro e do Encontro dos Santos, em novembro.

Fonte: CNBB

---

### **Comunicação e ecologia integral: Comissão apresenta em live subsídio para o 14º Mutirão Brasileiro de Comunicação**

A Comissão Episcopal para a Comunicação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) apresenta em live no Youtube, nesta terça-feira, 16, o subsídio “Comunicação e Ecologia Integral: transformação e sustentabilidade justa”. Este será o material de apoio para o 14º Mutirão Brasileiro de Comunicação (Muticom), marcado para o período de 25 a 28 de setembro, em Manaus (AM).

A live será conduzida pela assessora da Comissão Episcopal para a Comunicação da CNBB, Osnilda Lima, com a participação dos professores Moisés Sbardelotto e Aline Amaro, respectivamente coordenador e vice-coordenadora do Grupo de Reflexão em Comunicação da Comissão (Grecom), o doutor em Comunicação Ricardo Alvarenga e o mestre em Comunicação Marcus Tullius.



O subsídio “Comunicação e Ecologia Integral: Transformação e Sustentabilidade Justa” foi elaborado pelo Grecom como apoio ao 14º Mutirão Brasileiro de Comunicação (Muticom) e pretende ser um convite à reflexão sobre os desafios contemporâneos da comunicação à luz da ecologia integral, apontando caminhos para uma prática comunicacional comprometida com a transformação social e com a construção de uma sustentabilidade justa.

Segundo Osnilda Lima, o tema do Muticom, “Comunicação e Ecologia Integral: transformação e sustentabilidade justa”, desafia a pensar “como nossa comunicação pode ser um espaço de cuidado com a Casa Comum” e o subsídio que será lançado logo mais é “o primeiro grande fruto deste debate, uma ferramenta para nos preparar e aprofundar a discussão em nossas dioceses, paróquias e comunidades”.

Fonte: CNBB

## **Presidente da CRB Nacional participa da Reunião Ampliada da CMOVIC da CNBB**

Por Neusa Santos



A presidente da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB Nacional), Irmã Maria do Disterro Rocha, participa da Reunião Ampliada da Comissão Episcopal para os Ministérios Ordenados e a Vida Consagrada (CMOVIC) da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), realizada em Brasília-DF, juntamente com a assessora do setor Juventudes/SAV, Irmã Alecsandra Pina.

O encontro começou na última segunda-feira, 15 de setembro, com a celebração da Santa Missa presidida por Dom Ângelo Ademir Mezzari, RCJ, arcebispo da Arquidiocese de Vitória (ES) e presidente da Comissão.



Entre os representantes presentes, destacaram-se as religiosas que atuam na animação vocacional em diferentes regiões do Brasil. O encontro reforçou a missão de promover a cultura vocacional na Igreja e na sociedade, reunindo experiências e partilhas que fortaleceram o compromisso conjunto das participantes.



A programação segue até quinta-feira, 18 de setembro, reunindo representantes de instituições e organismos ligados à Vida Consagrada e aos ministérios ordenados. O encontro inclui reflexões, partilhas e planejamentos relacionados à missão da Igreja no Brasil.

Fonte: CRB

---

### **Papa Leão contata pároco de Gaza: preocupação e proximidade**

De acordo com a Sala de Imprensa, "o Papa manifestou a sua preocupação pelo que está acontecendo e garantiu a Padre Gabriel, e a todos os que se dirigem à paróquia, a sua proximidade e a sua oração". Na noite de segunda-feira, o exército israelense iniciou a ofensiva terrestre, num total de 37 ataques em 20 minutos, o que provocou a fuga em massa da população da região norte-ocidental.

*Vatican News*



Na manhã desta terça-feira, 16 de setembro, o Papa contactou telefonicamente o pároco de Gaza, Padre Gabriel Romanelli, que o atualizou sobre os últimos acontecimentos na região.

O telefonema foi confirmado pelo diretor da Sala de Imprensa da Santa Sé, Matteo Bruni.

No comunicado, lê-se que a paróquia continua a ajudar as cerca de 450 pessoas ali refugiadas e também quem se dirige à estrutura católica, distribuindo alimentos e água e mantendo em funcionamento a farmácia interna. Prossegue ainda a atividade do oratório com as crianças e adolescentes e a assistência aos idosos e doentes, não obstante a intensificação do conflito.

De acordo com a Sala de Imprensa, "o Papa manifestou a sua preocupação pelo que está acontecendo e garantiu a Padre Gabriel, e a todos os que se dirigem à paróquia, a sua proximidade e a sua oração".

Na noite de segunda-feira, o exército israelense iniciou a ofensiva terrestre, num total de 37 ataques em 20 minutos, o que provocou a fuga em massa da população da região norte-ocidental.

Padre Gabriel divulgou em suas redes sociais um vídeo de 30 segundos, que mostra alguns fiéis que continuam em oração mesmo com o barulho de uma explosão.

Não se trata do primeiro telefonema do Papa Leão ao sacerdote argentino, a quem Francisco ligava diariamente.

Fonte: Vatican News

---

### **Leão XIV reza por Charlie Kirk e familiares**

O diretor da Sala de Imprensa da Santa Sé, Matteo Bruni, confirma que, durante a conversa do último sábado (13/09) com o novo embaixador dos Estados Unidos junto à Santa Sé, o Pontífice assegurou rezar pelo ativista dos Estados Unidos assassinado em 10 de setembro e pela sua família.

*Vatican News*



“O Papa confirmou que reza por Charlie Kirk” e pela “sua esposa e seus filhos”. A declaração de Leão XIV foi dada durante a audiência do último sábado (13/09) no Vaticano com o novo embaixador dos Estados Unidos junto à Santa Sé, Brian Burch, por ocasião da apresentação das cartas credenciais. Charlie Kirk, ativista político, foi assassinado em 10 de setembro.

A informação foi dada pelo diretor da Sala de Imprensa da Santa Sé, Matteo Bruni, em resposta a alguns jornalistas. O Pontífice, acrescentou Bruni, “disse estar preocupado com a violência política e falou da necessidade de se abster da retórica e das instrumentalizações que levam à polarização e não ao diálogo”.

Fonte: Vatican News

---

### **Karekin II pela primeira vez em audiência com Leão XIV: foco na paz**

O Papa recebeu na manhã desta terça-feira o patriarca católico de todos os armênios em Castel Gandolfo. O patriarca convidou o Pontífice a visitar a Armênia, reiterando a necessidade da paz. É o quarto Papa que Karekin encontra, desde a primeira audiência com João Paulo II, depois Bento XVI e várias vezes com Francisco

*Salvatore Cernuzio – Vatican News*

É o primeiro encontro com Leão XIV, o quarto com um Pontífice desde sua eleição, há vinte e cinco anos. Karekin II, patriarca católico de todos os armênios, foi recebido pelo Papa na manhã desta terça-feira, 16 de setembro. A audiência ocorreu na Villa Barberini, a residência papal em Castel Gandolfo, para onde Leão havia se dirigido na noite desta segunda-feira. Um encontro que ocorreu em “um clima fraterno e cordial, durante o qual foram discutidas várias questões eclesiais e o patriarca armênio enfatizou a sorte dos armênios de Artsakh”, como explica em uma entrevista telefônica com a redação armênia da *Rádio Vaticano - Vatican News* o representante da Igreja Apostólica Armênia de Etchmiadzin junto à Santa Sé, o arcebispo Khajag Barsamian.



O patriarca convidou o Papa a visitar a Armênia - explica ainda Barsamian - e ambos reiteraram a necessidade da paz. Uma paz baseada na justiça, como sublinhou Karekin II.

Primeira visita ao Vaticano em 2000 e a Declaração conjunta



*A foto do Papa com Karekin II e sua delegação (@Vatican Media)*

Junto com o catholicos, estavam presentes todos os membros da delegação que o acompanharam nesta etapa no Vaticano, que marca, portanto, o primeiro encontro entre o Papa Leão XIV Karekin II, cuja primeira visita a Roma remonta a 9 e 10 de novembro de 2000, quando, então recém-eleito catholicos de todos os armênios, foi hóspede de São João Paulo II por ocasião do Jubileu do ano 2000. Durante aquela visita, na esteira da declaração assinada por São Paulo VI e Sua Santidade Vasken I em 12 de maio de 1970, foi assinada uma *Declaração Conjunta*: um passo no caminho, ainda em andamento, para restabelecer a plena comunhão entre as duas Igrejas.

“Confessamos juntos nossa fé no Deus Trino e no único Senhor Jesus Cristo, filho unigênito de Deus, que se fez homem para nossa salvação. Acreditamos também na Igreja Una, Católica, Apostólica e Santa. A Igreja, como Corpo de Cristo, é de fato una e única. Esta é a nossa fé comum, baseada nos ensinamentos dos Apóstolos e dos Padres da Igreja”, dizia a Declaração. “Continuamos a rezar pela comunhão plena e visível entre nós”, lê-se no texto, que reafirma a “missão comum”, ou seja, “ensinar a fé apostólica e testemunhar o amor de Cristo por cada ser humano, especialmente por aqueles que vivem em circunstâncias difíceis”.

Durante aquela visita, João Paulo II entregou a Karekin as relíquias de São Gregório, o Iluminador. Um ano depois, de 25 a 27 de setembro de 2001, o Pontífice polonês quis visitar a Armênia e celebrar o 1700º aniversário da declaração do cristianismo como religião oficial do Estado. Ele foi o primeiro Papa a pisar em solo armênio. E as relíquias de São Gregório foram entregues também ao patriarca da Grande Casa da Cilícia dos Armênios, Aram I, e ao então patriarca armênio católico, Sua Beatitude Nerses Bedros XIX Tarmouni.

Os encontros com Bento XVI e Francisco

Karekin II voltou ao Vaticano de 6 a 9 de maio de 2008, a convite de Bento XVI, para participar de uma celebração ecumênica presidida pelo Papa. Depois, novamente em 12 de abril de 2015, quando o Pontífice reinante era Francisco, que quis o chefe da Igreja Armênia da sede de Etchmidazin ao seu lado durante a Missa celebrada na Basílica de São Pedro em memória dos mártires armênios de 1915.

Durante aquela celebração, o Papa Francisco proclamou São Gregório de Narek doutor da Igreja Universal. Um momento de grande significado para toda a Igreja armênia.

Seguindo os passos de Wojtyła, Bergoglio também visitou a Armênia de 24 a 26 de junho de 2016. O “primeiro país cristão” – como dizia o lema da viagem apostólica – que o Papa argentino quis homenagear em 2018, quando inaugurou uma estátua de São Gregório de Narek nos Jardins Vaticanos. Karekin II estava presente naquele dia, juntamente com o então presidente da República da Armênia, Serzh Sargsyan.

No mesmo ano, mas em outubro, Karekin II visitou novamente o Papa Francisco e se reuniu com vários representantes da Cúria Romana. Outro encontro ocorreu em setembro de 2020 e, naquela ocasião, o católico apresentou ao Papa a situação criada após as operações militares contra Artsakh. Ele enfatizou a importância dos apelos do Pontífice para pôr fim ao conflito e restabelecer a paz.

Fonte: Vatican News

---

### **O pesar do Papa pela morte da Duquesa de Kent**

Num telegrama, Leão XIV expressa suas condolências ao Rei Carlos III da Inglaterra por ocasião do funeral de Sua Alteza Real Katharine, falecida aos 92 anos.

*Vatican News*

Em um telegrama, o Papa apresentou suas mais profundas condolências ao Rei Carlos III pela morte da Duquesa de Kent, Katharine, na noite de 4 de setembro, no Palácio de Kensington. Ela tinha 92 anos.



*O caixão da Duquesa de Kent, Katharine (PAUL GROVER)*

Leão XIV, por ocasião do funeral da Duquesa, previsto para este 16 de setembro, expressa sua proximidade "neste momento de dor" aos membros da família real, ao Duque de Kent, seus filhos e netos. O Pontífice confia sua "nobre alma" à misericórdia de Deus, agradecendo seu compromisso em apoiar obras de caridade e cuidar dos mais vulneráveis. Concluindo o telegrama, o Papa concede sua bênção apostólica "como garantia de consolação e paz no Senhor Ressuscitado".

As exéquias serão celebradas na Catedral de Westminster, já que a Duquesa era católica. Nascida numa família aristocrática de Yorkshire, a Duquesa entrou para família real, em 1961, quando se casou com o Duque de Kent, neto do Rei George V.

Em Roma, no Venerável Colégio Inglês, o secretário para as Relações com os Estados e as Organizações Internacionais, dom Paul Richard Gallagher, deve ler a mensagem enviada pelo Papa Leão por ocasião do funeral em Londres e durante uma missa em memória da Duquesa de Kent.

Fonte: Vatican News

---

### **Jubileu da Consolação: duas mulheres, duas testemunhas de perdão e reconciliação**

Durante a Vigília de Oração na Basílica de São Pedro, duas esposas e mães contaram, com coragem e emoção, o caminho que as levou a encontrar os assassinos dos seus entes queridos. Lucia Di Mauro é hoje chamada de “avó” pelos filhos de Antonio, que participou do assassinato do seu marido Gaetano; Diane Foley encontrou um dos jihadistas que primeiro sequestraram e depois mataram seu filho Jim, o jornalista norte-americano que foi uma das primeiras vítimas do Isis.

Não é fácil falar sobre o luto, a dor, o desespero, mas duas mulheres – Lucia Di Mauro e Diane Foley – sentem há muito tempo o dever de dar uma narrativa diferente à morte, de mostrar o poder da luz e da fé que as acariciou nos momentos mais difíceis das suas vidas. Ambas trouxeram, na tarde

desta segunda-feira, 15 de setembro, suas experiências diante do Papa Leão XIV na Basílica do Vaticano, durante a Vigília de Oração no Jubileu da Consolação.

Lucia e o caminho da dor

“Hoje, no Jubileu da Consolação, sinto fortemente a ligação entre a minha experiência e este momento especial. A consolação não apaga a dor, mas nos dá força para atravessá-la, para transformá-la, para devolver vida ao que parecia perdido”. A experiência de Lucia Di Mauro é a de uma mulher cujo marido, Gaetano Montanino, um segurança de 45 anos, foi assassinado há 16 anos por quatro jovens enquanto estava de serviço em Nápoles. Ela fala de uma dor que tira o fôlego, descreve-se como “enterrada sob uma pedra pesadíssima”. A fé a ajuda a não ceder à raiva e a enfrentar a prova com coragem, fortalecida por sua experiência como assistente social, que a leva a compreender as responsabilidades dos adultos por trás das ações daqueles jovens. “Eu sabia que, mais cedo ou mais tarde, aqueles jovens sairiam da prisão, mas eles precisavam sair melhores, para interromper a cadeia do mal. O sangue derramado não deveria permanecer ali, mas gerar renascimento”.



Lucia Di Mauro (@Vatican Media)

Interromper a cadeia da violência

Antonio, o mais novo do grupo, entrou aos 17 anos na prisão de Nisida para cumprir uma pena de 22 anos, pouco antes de se tornar pai. Ele tinha um passado difícil, órfão de pai, cresceu em um bairro complicado. Na prisão, ele inicia um caminho de recuperação e sente a necessidade de buscar o perdão da família de Gaetano. “Antes de conhecê-lo”, explica Lucia, “eu tinha medo, porque imaginava que ele fosse um monstro. Eu o vi pela primeira vez em uma manifestação da *Libera* no calçadão de Nápoles. Diante de mim, encontrei um rapaz que tremia, chorava, pedia perdão, e a única coisa possível foi um longo abraço”. Naquele exato momento, nasce o caminho da Justiça Reparativa, “uma jornada em que a dor é acolhida e transformada através do encontro, da escuta e do diálogo”. “Não é vingança”, continua a mulher, “não é apenas perdão, é reconciliação. É devolver dignidade e futuro”.

O compromisso de Lucia encontra seu lugar na Associação *Libera*, de Pe. Luigi Ciotti. Ela conta sua história nas escolas e acompanha Antonio no caminho do renascimento. “Cada jovem que erra, cada jovem que cai”, sublinha Lucia, “pode renascer se alguém acreditar nele, se alguém lhe estender a mão, se alguém o acompanhar de verdade. Ajudar os jovens presos a mudar de mentalidade significa interromper a cadeia da violência, dar sentido à dor, devolver a vida”.

Diane, uma mãe que ama

Em outro testemunho, Diane Foley entrelaça a história pessoal de uma mãe submetida à prova mais difícil – a morte de um filho – com a dor de Maria sob a cruz, a Via Sacra de Jesus até sua paixão. Ela conta sobre seu filho mais velho, James Wright Foley, que em 2012 foi sequestrado enquanto trabalhava como jornalista independente de guerra na Síria. “Por quase dois anos – explica ela – ele foi submetido à fome, torturado e até que foi decapitado publicamente em agosto de 2014, por ser um jornalista americano e cristão”.

Uma dor imensa que teve um prólogo quando Jim foi sequestrado na Líbia por 44 dias e depois libertado. De volta para casa, o jovem mostrou-se diferente, com uma fé mais profunda que amadurecera durante o cativeiro, experiência que o levou a continuar a dar “voz aos que não têm voz”. Apesar dos apelos da mãe, Jim parte para a Síria e, em 22 de novembro de 2012, é sequestrado. Diane conta sobre um longo silêncio ao qual ela não se rende, buscando ajuda em Washington, nas Nações

Unidas e no Reino Unido, na França e na Espanha, porque desses países vieram outros cidadãos sequestrados pelo ISIS.

Esperança e cura

Ela não deixa de rezar incessantemente, pedindo a Deus que salve Jim, mas então chega a notícia repentina da sua morte violenta. “Eu estava em choque, incrédula. A raiva – conta Diane – crescia dentro de mim: raiva contra o Isis, contra nosso governo, contra aqueles que se recusavam a ajudar”. No entanto, apesar de tudo, ela continua a rezar e, desta vez, pede ao Senhor para não se deixar consumir pela raiva, recorre a Maria, sentindo-a próxima como a mãe que sofre pelo filho.

Passam-se os anos e dois dos jihadistas que raptaram e torturaram Jim são presos e julgados na Virgínia. Entre eles está Alexandra Kotey, que se declara culpado e pede para se encontrar com as famílias a quem fez mal. A conversa acontece entre medo e incerteza, Diane conta quem era Jim e sente que está vivendo um momento de graça. “O Espírito Santo permitiu que ambos nos ouvíssemos, chorássemos e compartilhássemos nossas histórias. Alexandra expressou muito remorso. Deus me deu a graça de vê-lo como um pecador necessitado de misericórdia, assim como eu”. Três semanas depois, Diane cria uma fundação dedicada ao filho:

*“Cada um de nós carrega uma cruz. Todos sofremos por nossos pecados, mas quando convidamos Jesus e Maria para caminhar conosco, sempre há esperança e cura.”*

Fonte: Vatican News

### **As dominicanas do Zimbábue formam jovens para trabalhar como enfermeiros no país**

Há mais de 60 anos, as Irmãs Dominicanas do Zimbábue administram o Hospital Santa Teresa de Chirimanzu, exercendo um profundo impacto na vida dos jovens, formando-os para se tornarem enfermeiros qualificados e registrados. A formação começou em resposta à grave carência de profissionais de saúde nas zonas rurais do país. Um legado de compaixão, instrução e cuidados de saúde que até hoje continua moldando o futuro da enfermagem no Zimbábue.

*Irmã Mufaro Chakuinga*



*As religiosas que administram o Hospital Santa Teresa*

As Irmãs Missionárias Dominicanas do Sagrado Coração de Jesus fazem parte da família dominicana mundial fundada por São Domingos de Guzmán em 1216 e aprovada pelo Papa Honório III. Enraizadas na oração, na comunidade, no estudo e na pregação, partilham a missão da Ordem de proclamar a verdade em palavras e obras.

Graças à presença em 14 comunidades em todo o Zimbábue, elas prestam serviço em vários ministérios, incluindo a instrução, a saúde e os serviços sociais. Guiadas pelo lema «contemplar e partilhar os frutos da nossa contemplação», vivem a sua fé através do serviço compassivo e da formação da consciência e do intelecto.

Com uma herança que dura mais de 60 anos, as suas instituições, como o Hospital de Santa Teresa de Chirimanzu e a Escola de Enfermagem Santa Teresa, continuam tendo um profundo impacto na vida das pessoas no Zimbábue.

A Escola de Enfermagem Santa Teresa

Enraizadas numa missão ao serviço dos pobres e dos vulneráveis, as religiosas foram motivadas a iniciar a formação de enfermeiros em resposta à grave carência de profissionais de saúde nas zonas rurais do Zimbábue. O hospital foi inaugurado em 1957 e dispõe de 180 vagas de internamento.

As irmãs começaram a formar enfermeiros de cuidados primários em 2004 e, dois anos depois, enfermeiras gerais registradas. A visão está profundamente enraizada numa abordagem holística à educação, que combina a formação profissional com os valores cristãos e o serviço compassivo.

A Irmã Apollonia Banda, tutora responsável pela Escola de Enfermagem Santa Teresa, afirmou considerar que todo investimento na formação em enfermagem é um investimento para a saúde e o futuro da nação. Convidou os apoiadores, as instituições e os indivíduos a colaborar com os dominicanos através de financiamentos, patrocínio ou desenvolvimento das competências para garantir que cada estudante de enfermagem da Santa Teresa continue construindo um futuro mais brilhante para os cuidados de saúde no Zimbábue, particularmente na província de Gweru.

#### Impacto e resultados

Apesar dos recursos limitados, a Escola de Enfermagem Santa Teresa continua produzindo progressos significativos. «Mantivemos uma taxa de aprovação nos exames de 100%, aumentamos o número de matrículas e os nossos licenciados prestam serviço tanto nos hospitais missionários como nos governamentais em todo o país e destacam-se apesar dos desafios que têm de enfrentar», afirmou a Irmã Banda. A comunidade expressou profundo apreço pelo papel que a escola desempenha na melhoria dos cuidados de saúde locais e também no recrutamento de candidatas da comunidade local.

#### Testemunhos e gratidão

Calvin Mutambisi, de 26 anos, ex-aluno do Santa Teresa, manifestou apreço pela tutoria que recebeu das Irmãs Dominicanas. «Teve um impacto profundo na minha vida, moldando o meu caráter e inculcando valores como integridade, compaixão e respeito», declarou. «As bases bíblicas que me forneceram, ajudaram-me a desenvolver uma moral forte e a tomar decisões éticas». Acrescentou que o ambiente favorável no Santa Teresa lhe permitiu crescer e explorar a fé.

A Irmã Bridget Chademana, membro das *Little Children of our Blessed Lady Sisters* (LCBL), manifestou gratidão pela experiência que teve no Santa Teresa. Estudou durante três anos e obteve um diploma em enfermagem geral registrado. A Irmã Chademana apreciou os serviços oferecidos no Santa Teresa, o que a tornou uma enfermeira excepcional com conhecimentos aprofundados, atenta ao tempo e orientada para a urgência.

#### Desafios e planos futuros

A Escola de Enfermagem Santa Teresa teve de enfrentar um incêndio devastador em 2024, provavelmente causado por uma falha elétrica, que destruiu vários edifícios e pertences dos alunos. Além disso, a escola está trabalhando para superar as lacunas de financiamento e os desafios da transferência temporária dos alunos. Com planos de concluir novas construções e renovar as infraestruturas danificadas, estão reforçando as parcerias com o ministério da Saúde, os apoiadores locais e internacionais a fim de garantir o sucesso contínuo da escola.

Enquanto as religiosas dominicanas no Zimbábue continuam moldando o futuro da assistência de enfermagem, o legado de compaixão, instrução e cuidados de saúde continua sendo um farol de esperança para a nação. Com um profundo impacto na vida dos jovens e da comunidade, o Hospital de Santa Teresa e a Escola de Enfermagem testemunham o poder da dedicação e do serviço. E, apesar dos desafios, as religiosas permanecem comprometidas com a missão e, com o suporte de apoiadores e parceiros, devem continuar a construir um futuro mais brilhante para os cuidados de saúde no Zimbábue.

Fonte: Vatican News

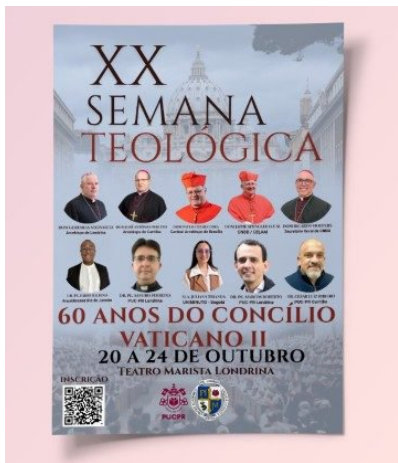
---

### **20ª Semana Teológica da PUC-PR – Campus Londrina**

“60 anos do Concílio Vaticano II” será o tema da XX edição do evento, que acontecerá de 20 a 24 de outubro de 2025.

*Por Thiago Cassemiro*

O curso de Teologia da PUC-PR – Câmpus Londrina, em parceria com o Centro Acadêmico São João Paulo II, promoverá, de 20 a 24 de outubro de 2025, a XX Semana Teológica. O evento, já tradicional na vida acadêmica do câmpus, celebra 20 anos de existência, coincidindo também com o aniversário de início do curso em Londrina. Para marcar esta ocasião especial, está sendo preparada uma edição inédita, que contará com dois horários alternativos: pela manhã, voltado a alunos, professores e demais interessados, e à noite, para paróquias e pastorais que não têm possibilidade de participação no período matutino.



Neste ano jubilar, o tema será “**60 anos do Concílio Vaticano II**”. A proposta é desenvolver dez conferências, conduzidas por bispos e professores especialistas na área, revisitando as quatro Constituições conciliares (*Dei Verbum*, *Sacrosanctum Concilium*, *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes*), e interação dos participantes por meio de mesa-redonda com os convidados. O objetivo é resgatar o espírito sinodal do Concílio, refletir sobre como suas intuições continuam inspirando a missão da Igreja no Brasil e no mundo e, ao final, avaliar os frutos que este marco histórico trouxe, especialmente em sintonia com o Ano Santo da Esperança. Mais do que recordar sua história, o evento busca iluminar os desafios pastorais e sociais de hoje, fortalecendo a missão da Igreja na sociedade.

O público-alvo da Semana Teológica abrange toda a Igreja: bispos, presbíteros, diáconos, religiosos, religiosas, seminaristas, leigos, leigas, estudantes de Teologia e todos os interessados.

As inscrições estão abertas pelo link: <https://www.event3.com.br/xx-semana-teologica-611977/>, mediante investimento de R\$ 50,00 (segundo lote). O evento será realizado exclusivamente na modalidade presencial. Os participantes receberão certificado digital de participação, com carga horária registrada.

Maiores informações podem ser obtidas junto ao Centro Acadêmico São João Paulo II, pelo telefone: (43) 99827-5231.

Local: Teatro Marista de Londrina. R. Cristiano Machado, 240 - Campo Belo, Londrina - PR, 86062-000.



### *A programação da Semana Teológica*

Programação

**Início todos os dias**

Manhã: 7h50 às 11h40

Noite: 19h30 às 21h40

**20/10 – Segunda-feira**

- *A liturgia no pós-Concílio: avanços e descobertas* – Dom Geremias Steinmetz, Arcebispo de Londrina

- *A participação ativa dos fiéis na liturgia: uma perspectiva pastoral* – Pe. Dr. Sandro Ferreira, PUC-PR Londrina

**21/10 – Terça-feira**

- *A Palavra de Deus no pós-Concílio: exegese e formação bíblica do clero e consagrados* – Dom José Antônio Peruzzo, Arcebispo de Curitiba

- *A incidência da Palavra de Deus na vida dos leigos* – Ma. Juliana Triana, UNIMINUTO – Bogotá

**22/10 – Quarta-feira**

- *Os missais, rituais e o espaço sagrado na proposta do Concílio Vaticano II* – Pe. Dr. Fábio Balbino, Arquidiocese do Rio de Janeiro

- *A reforma litúrgica na história da Igreja e no Concílio Vaticano II* – Pe. Dr. Marcos Roberto, PUC-PR Londrina

**23/10 – Quinta-feira**

- *A vida humana e o respeito pela mesma à luz da Gaudium et Spes* – Dom Ricardo Hoepers, Secretário-Geral da CNBB

- *A novidade cultural e social da Gaudium et Spes* – Prof. Dr. Cezar Luiz Ribeiro, PUC-PR Curitiba

**24/10 – Sexta-feira**

- *A eclesiologia da América Latina: a presença do CELAM no Sínodo* – Dom Jaime Spengler, Cardeal Arcebispo de Porto Alegre, Presidente da CNBB e do CELAM

- *A sinodalidade à luz da Lumen Gentium: desafios e esperanças* – Dom Paulo Cezar Costa, Cardeal Arcebispo de Brasília.

Fonte: Vatican News

**Jubileu do Ano Santo da Esperança reúne seminaristas e formadores do Regional Sul 1 em Aparecida**

O Jubileu foi marcado pela grande participação e pelo testemunho da juventude vocacionada que, confiada à intercessão da Padroeira do Brasil, renovou sua entrega ao serviço da Igreja e ao anúncio do Evangelho.

No último sábado, 13 de setembro, o Santuário Nacional de Aparecida acolheu o Jubileu do Ano Santo da Esperança dos seminaristas e formadores do Regional Sul 1, que reúne as dioceses do Estado de São Paulo. O encontro marcou um momento de comunhão, oração e renovação da esperança para a Igreja no Brasil.

A programação e a participação



A programação teve início com a calorosa acolhida feita pelo arcebispo de Aparecida, Dom Orlando Brandes, que recebeu com grande alegria os mais de 500 seminaristas presentes, acompanhados de seus formadores e alguns bispos.

O ponto alto do Jubileu foi a Santa Missa das 10h30, presidida por Dom Paulo Beloto, bispo referencial da OSIB (Organização dos Seminários e Institutos do Brasil) no Regional Sul 1, e concelebrada por outros bispos e mais de 50 presbíteros formadores de seminários. A celebração

manifestou a unidade da Igreja e a centralidade da Eucaristia no caminho formativo dos futuros sacerdotes.

Na tribuna Bento XVI

Após a Santa Missa, os participantes se dirigiram à Tribuna Bento XVI, onde foi recitado o Santo Terço em espírito de consagração do Regional a Nossa Senhora Aparecida. O momento de oração foi conduzido por seminaristas do COMISE (Conselho Missionário de Seminaristas), fortalecendo a dimensão missionária e mariana da vocação presbiteral.

Este encontro Especial e grande Evento vocacional, celebrando o Jubileu da Esperança, foi preparado pela Diretoria da OSIB Sul 1, em parceria com o regional Sul 1 e o Comise Sul 1. O presidente da OSIB Sul 1, Pe Edvagner Tomaz, reitor do Seminário de Jales, enfatizou que este momento foi pensado para proporcionar aos seminaristas um momento de peregrinação ao Santuário, celebrando sua vocação no Ano da Esperança e ainda a comunhão entre os seminários das Igrejas particulares do Estado de São Paulo.

*\*Com informações de Pe Edvagner Tomaz, Diocese de Jales*

Fonte: Vatican News

-----

### **História em quadrinhos sobre Acutis feita no Brasil: “super-herói da fé”, diz mãe do santo**

A publicação da editora Minha Biblioteca Católica, uma obra inédita em formato de história em quadrinhos sobre a vida do novo santo, foi entregue à mãe de Carlo, Antonia Salzano, por ocasião da canonização no dia 7 de setembro, no Vaticano. Ela elogiou a qualidade editorial e, em tom bem-humorado, brincou sobre o filho ser como um “super-herói da fé”.

*Vatican News*

A canonização de Carlo Acutis e Pier Giorgio Frassati celebrada no recente 7 de setembro, no Vaticano, teve também um gesto especial vindo do Brasil. Após a missa presidida pelo Papa Leão XIV, que reuniu cerca de 80 mil fiéis na Praça de São Pedro, a equipe da editora Minha Biblioteca Católica entregou à mãe de Carlo, Antonia Salzano, uma obra inédita em formato de história em quadrinhos sobre a vida do novo santo.



A coleção, composta por três volumes, apresenta a trajetória do “padroeiro da internet”, com uma linha do tempo completa sobre a sua vida e os Milagres Eucarísticos narrados pelo próprio Carlo. Ao receber a publicação, que aborda a história do jovem, Antonia elogiou a qualidade editorial e, em tom bem-humorado, brincou sobre o filho ser como um “super-herói da fé”.

Para Walesca Camargo, criadora de conteúdo da editora, o encontro em Roma foi inesquecível. “Uma verdadeira bênção poder encontrar a mãe de Carlo em um dia tão especial para a Igreja. Foi muito emocionante estar aqui e, além de acompanhar a celebração, conhecer de perto a família de um santo”, afirmou.

Conexão especial com o Brasil

A canonização de Carlo Acutis tem uma conexão especial com o Brasil. O primeiro milagre atribuído à sua intercessão ocorreu em Campo Grande (MS), em 2010, quando um menino de 6 anos foi curado de maneira inexplicável de uma grave doença. O fato abriu o processo que levou à beatificação do jovem italiano, falecido em 12 de outubro de 2006, no dia de Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil.

Além da história em quadrinhos, a Minha Biblioteca Católica lançou recentemente a biografia “Carlo Acutis: sua vida, seu exemplo e seus milagres”, que reúne escritos do próprio santo e relatos inéditos. O prefácio é assinado pela mãe Antonia Salzano.

Em abril deste ano, quando a canonização estava inicialmente prevista — mas adiada devido ao falecimento do Papa Francisco —, a editora já havia visitado a Itália para a produção de um documentário sobre a vida de Carlo. O material está disponível gratuitamente no YouTube.

Os representantes da editora ainda participaram da audiência jubilar pública com o Papa no sábado (6). Na ocasião, entregaram aos colaboradores de Leão XIV uma obra sobre Santo Agostinho, Doutor da Igreja e fonte de inspiração para o Pontífice.

Fonte: Vatican News

### ----- **“Semeaduras”: ações de ecologia integral da Arquidiocese de Manaus**

No coração da maior e mais importante floresta do mundo, a Amazônia, a Assembleia Sinodal Arquidiocesana assumiu a missão de cuidar da casa comum desde 2022. A Comissão para a Ecologia Integral encoraja esse cuidado com a criação em todos os espaços: doméstico, laboral, comunitário e eclesial. O documento “Semeaduras” traz exemplos práticos e também a atuação dos educadores ambientais.

*Pe. Luis Miguel Modino\**

A ecologia integral e o chamado ao cuidado da casa comum pode ser considerado um dos grandes legados do Papa Francisco, um caminho que continua sendo trilhado pelo Papa Leão XIV. Na Arquidiocese de Manaus, no coração da maior e mais importante floresta do mundo, a Amazônia, a Assembleia Sinodal Arquidiocesana, no ano 2022, assumiu essa missão como um dos grandes desafios, que está se concretizando de modo transversal em todas as dimensões da missão.

O cuidado da criação em todos os espaços

Na frente desse trabalho está a Comissão para a Ecologia Integral que quer levar esse cuidado com a criação a todos os espaços: doméstico, laboral, comunitário e eclesial. As diversas práticas de ecologia integral na Arquidiocese de Manaus estão sendo divulgadas através de uma publicação que tem como nome “Semeaduras”. Um pequeno texto que ajuda a conhecer e espalhar práticas que deveriam ser assumidas por todos aqueles que acreditam no Deus Criador, mas também por aqueles que se preocupam com o futuro do planeta e da humanidade.

Na Arquidiocese de Manaus, segundo o texto, diversas paróquias e áreas missionárias realizam gestão de resíduos, um exemplo que leva à Comissão para a Ecologia Integral a lançar o desafio de assumir essa prática por parte daqueles que ainda não a iniciaram. Nesse caminho da ecologia integral se faz necessário impulsionar parcerias institucionais e comunitárias com outras religiões, associações de moradores, universidades, escolas, cooperativas e grupos de diferentes segmentos.

As ações e os educadores ambientais

Dentre as práticas cada vez mais presentes, o documento “Semeaduras” fala sobre a coleta de resíduos eletrônicos, de óleo de cozinha para a fabricação de sabão ecológico, de materiais recicláveis, as hortas comunitárias, a coleta de material orgânico para compostagem, ações sociopolíticas em defesa da casa comum, feiras de economia solidária, por exemplo. Essas práticas são assumidas a partir de campanhas educativas com foco no cuidado da casa comum, especialmente na catequese, tendo como fundamento a encíclica *Laudato si'*, em vista de um novo estilo de vida.

Nos últimos anos, tem surgido na Arquidiocese de Manaus os educadores ambientais. Eles iniciaram sua missão na Festa de Pentecostes, o maior evento religioso da Igreja de Manaus, mas aos poucos estão se fazendo presentes em outros momentos e espaços. A missão é orientar sobre a redução dos resíduos e a conservação do ambiente, a formação para as causas indígenas, os projetos de transição energética, com fontes de energia eólica e solar. Iniciativas que são divulgadas no Programa *Laudato si'*, que toda semana, na Rádio Rio Mar, veículo de comunicação da arquidiocese, aborda temáticas relacionadas à espiritualidade ecológica e questões socioambientais.

Os projetos arquidiocesanos

Em nível arquidiocesano são vários os projetos desenvolvidos: Projeto Educação em Saúde Ambiental, com a participação de crianças e adolescentes; Casa Amazônica de Francisco e Clara, em vista de uma educação e espiritualidade ecológicas a serviço dos povos amazônicos; Associação de

Catadores Filhos/as de Guadalupe, que gerencia resíduos sólidos e promove a formação no campo da ecologia integral; Projeto “Papel de cada um na casa comum”; e o Projeto Horta Escola.

Conhecer essas práticas é de extrema importância, ainda mais no Tempo de Oração pelo Cuidado da Casa Comum e às portas do 14º Mutirão Brasileiro de Comunicação, que será realizado em Manaus de 25 a 28 de setembro, com o tema “Comunicação e Ecologia Integral: transformação e sustentabilidade justa”, que reúne estudantes, profissionais e representantes de pastorais e agentes sociais de todo o Brasil.

\* *Manaus/AM*

Fonte: Vatican News

---

### **Papa Leão contata pároco de Gaza: preocupação e proximidade**

*Francesca Sabatinelli – Vatican News*

A tragédia desta guerra que não cessa é que a cada dia se torna mais grave. Sentir-se impotente causa grande dor, mas a oração e a bênção de Deus são o nosso apoio. Após a dramática noite marcada pela ofensiva israelense sobre Gaza, as palavras do Pe. Gabriel Romanelli, pároco da Sagrada Família em Gaza City, apesar de dramáticas, permanecem marcadas pela esperança, pela humanidade e pela compaixão, com uma invocação de liberdade para todos que se eleva “do altar de Gaza, um altar de paz, de onde todos os dias elevamos o Santíssimo Sacramento”.



*Padre Romanelli: do altar de Gaza, pedimos paz*

Liberdade, pede Romanelli ao falar com a mídia do Vaticano, “para os palestinos, para os israelenses, para os reféns, para todos aqueles que dela são privados”. Que a guerra pare, repete incessantemente o religioso, “para que seja permitido às pessoas que vivem na Faixa de Gaza ter o necessário para viver, não para sobreviver, mas para viver, para reconstruir as suas vidas”.

O calvário de Gaza

Romanelli consegue, graças aos testemunhos e às informações recolhidas, traçar de alguma forma o mapa da operação militar, que parece ter atingido “sobretudo as zonas a oeste e noroeste de Gaza City e um pouco o sul”, não o leste da cidade, onde se encontra a paróquia, na parte antiga, no bairro de Zeitoun. O barulho das armas também chega até lá, mas nestas horas permaneceu distante, “não há bombardeios ao nosso lado neste momento”.

Não tão fortes quanto a explosão que há poucas horas interrompeu a oração dos fiéis reunidos na igreja, imagens confiadas às redes sociais pelo próprio Romanelli que deram a volta ao mundo e mostram os devotos, embora abalados pelo barulho, permanecendo reunidos. “Essa é a realidade. Nós, que estamos neste calvário de Gaza, pedimos paz e justiça para todos. E continuamos a rezar; esta é a nossa missão. O Senhor nos ensinou a pregar, a acreditar e a ter fé n'Ele. Claro, há sofrimento, mas temos muitas coisas pelas quais agradecer a Deus”. Como a bênção de um matrimônio entre dois jovens cristãos; como o batismo de uma criança chamada Marco - o menor entre os refugiados; como a

bênção da entrega, nestes dias, a “65 pessoas, entre crianças, adolescentes, jovens e adultos, do escapulário da Santíssima Virgem Maria como sinal de proteção e bênção”.



*Os fiéis reunidos em oração na igreja da Sagrada Família*

#### **Destruição e morte**

Não se consegue nem imaginar quantas pessoas já partiram até agora para fugir dos bombardeios. “Todos testemunhamos que os ataques também ocorrem no sul. Não se está seguro em lugar algum. O número de bombardeios aumenta a cada dia, e a cada dia aumentam os números da destruição, dos mortos, dos desaparecidos sob os escombros e dos feridos”.

Romanelli e todos aqueles que estão com ele na paróquia continuam a ajudar os 450 refugiados presentes na igreja, “especialmente os idosos, os doentes, as famílias com crianças pequenas e, depois, as pessoas acamadas, as crianças de Madre Teresa, que já viviam conosco antes da guerra. Distribuimos o que temos, comida e água. Alguns de nossos vizinhos partiram em direção ao sul, mas a maior parte do bairro permaneceu aqui, na região. A situação piora a cada dia, e ninguém sabe até onde isso vai chegar e como será o futuro”.

Fonte: Vatican News

---

#### **Volta às aulas: na Ucrânia, a campanha é alarme de ataque aéreo**

As portas das escolas ucranianas foram abertas em 1º de setembro. Pelo quarto ano consecutivo, voltar às aulas significa conectar-se de casa, de abrigos ou de outros países. A guerra traumatizou alunos, pais e professores. A esperança agora consiste nas salas de aula subterrâneas.

*Svitlana Dukhovych – Vatican News*



As aulas na Ucrânia começaram no último dia 1º de setembro. Geralmente, este deveria ser um dia de festa para os alunos, pais e professores, quando as crianças vão à escola com trajes festivos e entregam flores aos seus professores em uma cerimônia solene. Este ano, infelizmente, como nos três anos anteriores, em muitas escolas do país, isso aconteceu sob o toque das sirenes de ataque aéreo,

obrigando os alunos a se refugiar nos abrigos. Para as crianças ucranianas, a oportunidade de ir à escola, presencialmente, ainda é um privilégio. Desde a invasão russa, mais de 3.800 escolas foram danificadas, 400 das quais quase completamente destruídas. Para muitos alunos, "voltar à escola" significa, simplesmente, participar das lições on-line de casa, de abrigos ou de outros países, para onde numerosas famílias se mudaram em busca de segurança.

#### Escolas subterrâneas

Na Ucrânia, o Ministério da Educação faz recomendações gerais, mas são as escolas que escolhem seus métodos de ensino (presenciais, remotos ou mistos), de forma independente, dependendo da situação de segurança e da disponibilidade de abrigos. As escolas subterrâneas, que já eram utilizadas nas grandes cidades próximas às linhas de frente, como Kharkiv, Zaporizhia e Mykolaiv, oferecem a um número crescente de crianças a oportunidade de frequentar aulas presenciais. Cento e cinquenta delas estão sendo preparadas para serem inauguradas na Ucrânia até o final do ano de 2025. É o que disse à mídia vaticana, o sacerdote salesiano, Padre Oleh Ladnyuk, que, além de ser um capelão militar, também é professor de história em uma escola secundária em Dnipro, no leste do país: "A maioria dos nossos alunos vai à escola e assiste às aulas presencialmente. Em outros lugares, as aulas são feitas on-line, porque os pais se preocupam pela segurança de seus filhos". E acrescenta: "Mísseis e drones atacam, não só à noite, mas também durante o dia. Por isso, nos últimos anos de ensino on-line, - antes devido à pandemia e depois por causa da guerra, - o nível de conhecimento dos alunos decaiu significativamente. Agora, felizmente, a maioria dos pais acompanha seus filhos à escola. Isso é positivo, não apenas para a aprendizagem, mas também para uma vida social e o desenvolvimento em geral". O Padre Oleh destaca ainda: "Lecionar nas escolas é uma oportunidade para pôr em prática o carisma salesiano, mas é também uma chance de momentos de trégua em tempos de guerra". E explica: "Foi maravilhoso rever meus alunos no primeiro dia de aula. Notei a alegria em seus olhos. Para um professor, isso é fantástico, porque temos a oportunidade de estar próximos das crianças, que se ama e que te amam". O sacerdote expressa ainda a sua tristeza porque muitos dos alunos, sobretudo, do ensino médio, jamais voltarão à escola por terem se mudado: "Muitos pais escolhem se mudar com toda a sua família ou enviar seus filhos mais velhos para a Europa Ocidental ou outras regiões ocidentais da Ucrânia. É uma situação dolorosa, mas até entendo, pois os pais querem uma vida melhor para seus filhos".

#### Compromisso dos professores

Com a eclosão da guerra, os docentes ucranianos deixaram de ser apenas mentores. Eles tentam ser um exemplo de comportamento e estabilidade para as crianças; inventam de tudo para motivá-las; acompanham-nas aos abrigos e as tranquilizam em situações de alarme, como afirma o Professor Ladnyuk: "Alguns docentes foram para o exterior, mas, os que ficaram, se sacrificam pelas crianças e são muito bons. Na Ucrânia, os professores não ganham muito e, conseguir manter o programa escolar previsto, em tais condições, não é fácil. No entanto, tentamos fazer o melhor possível".

#### Adaptar-se à guerra

O Padre Oleh Ladnyuk mantém um bom relacionamento com seus alunos. Quando lhes conta fatos históricos, tenta fazer a comparação com a atualidade. As crianças também lhe perguntam sobre seu trabalho como capelão e como ele ajuda as pessoas em aldeias vizinhas. Às vezes, ele se preocupa quando as vê cansadas, por não terem dormido à noite devido aos bombardeios russos: "Nestas alturas, seria lógico demonstrarem agressividade, mas não deve ser assim. Não sei como é em outras escolas, mas na nossa é diferente, graças a Deus. Talvez, elas simplesmente tenham se acostumado. No entanto, algumas jovens de 14 a 17 anos, me disseram que, quando foram ao salão de beleza, as cabeleireiras lhes disseram que tinham alguns fios de cabelos brancos. Isso significa que há tanta preocupação, embora não demonstrem". E o sacerdote Salesiano conclui: "Durante uma lição, quando a sirene de ataque aéreo toca, todos os alunos já sabem o que fazer: descem aos abrigos sem caos ou pânico. Por um lado, é positivo que tenham se adaptado a circunstâncias como estas, mas, por outro, é triste que tenham que se adaptar à guerra".

Fonte: Vatican News

---

## **Mais de 300 civis foram mortos por bombas de dispersão em 2024**

Apenas na Ucrânia foram quase 200 pessoas mortas por esse tipo de munição, que não distingue entre militares e civis. No mundo, foram 314 vítimas, sendo quase a metade delas crianças. Os dados foram divulgados pela Cluster Munition Coalition e serão apresentados na ONU.

*Pietro Piga – Vatican News*

Em 2024, as bombas de dispersão mataram 314 pessoas no mundo, das quais 193 somente na Ucrânia. Pelo terceiro ano consecutivo, a Ucrânia se confirma como o país com o maior número de vítimas desse tipo de munição, comumente chamadas de bombas de fragmentação. Desde o início do conflito entre Kyiv e Moscou, em fevereiro de 2022, foram 1.200 mortos. Essas são informações do relatório anual divulgado pela *Cluster Munition Coalition*, uma coalizão global de organizações contra o uso desse tipo de munição. O documento será apresentado na sede das Nações Unidas em Genebra entre os dias 16 e 19 de setembro, durante a 13ª reunião entre países signatários da Convenção sobre Munições de Dispersão.

O alerta

Durante a guerra na Ucrânia, diz o relatório, essas bombas foram usadas por ambos os lados; as lançadas pela Rússia podem ter sido produzidas pela Coreia do Norte, sendo também utilizadas por Pyongyang em operações militares conjuntas. Nem Kyiv nem Moscou fazem parte do tratado internacional contra o uso de bombas de dispersão, em vigor desde agosto de 2010, assim como Myanmar e Síria, os outros países onde essas armas mataram pessoas em 2024 e no começo deste ano. Mas ataques com esse tipo de munição também podem ter sido lançados pelo Irã em Israel (em junho de 2025) e pela Tailândia no Camboja (julho), segundo o estudo divulgado pela HRW.

Outros dados

Atualmente, 111 nações fazem parte do tratado, que nos últimos dois anos contou com a adesão da Nigéria e do Sudão do Sul. Nesses últimos países, mais de 100 quilômetros quadrados de território foram recuperados depois da limpeza de áreas contaminadas por essas bombas. A preocupação, porém, continua, já que os artefatos seguem ferindo e matando civis. As principais vítimas — inclusive dos fragmentos não detonados — são as crianças (42%). O relatório também aponta que a Lituânia se retirou da convenção em 6 de março deste ano — a primeira vez que isso acontece —, manifestando ainda a intenção de abandonar a Convenção de Ottawa sobre a proibição de uso, armazenamento, produção e transferência de minas antipessoais. Bombas de dispersão ainda são produzidas por 17 países, incluindo China, Estados Unidos e Brasil, sendo promovidas e vendidas em feiras internacionais de defesa e segurança.

Apelo pelo fim do sofrimento

Mark Hiznay, diretor associado de crises, conflitos e armamentos da *Human Rights Watch* e um dos editores do relatório, afirmou que, “embora a convenção tenha alcançado, ao longo de muitos anos, progressos significativos na redução do sofrimento causado por essas munições, civis em todo o mundo continuam a perder vidas e partes do corpo por causa das bombas de fragmentação, inclusive devido a armas usadas há décadas”. Ele chama a atenção dos governos: “Deveriam agir agora para reforçar o estigma contra essas armas indiscriminadas e condenar seu uso contínuo.”

Fonte: Vatican News

---

## **Sudão: 13 milhões de crianças não podem estudar por causa da guerra**

Há dois anos e meio, o país do nordeste da África está enfrentando um conflito que repercute sobre os menores: eles não têm direito à educação e correm o risco de abuso sexual e recrutamento por parte de grupos armados. “Save the Children” alerta: o fato de não ir à escola, não aprender a ler ou escrever, obriga as crianças ao deslocamento, ao recrutamento de grupos armados e à violência sexual.

*Pietro Piga – Vatican News*

No Sudão, as crianças não só não têm casa, comida, água, roupas e remédios, mas até não podem ir à escola. Pelo segundo ano consecutivo, treze milhões de menores não começarão o ano letivo, segundo cálculos da “Save the Children”, baseados na análise de dados do “Global Education Cluster”, - uma rede de coordenação de ajuda ao setor educacional, liderada pela STC e pelo UNICEF -. O percurso de formação dos menores foi interrompido pela guerra, que assola o país do nordeste da África, desde 15 de abril de 2023. A guerra local coloca as Forças Armadas Sudanesas, comandadas

pelo Chefe de Estado, Abdel Fattah Abdelrahman Burhan, contra as Forças de Apoio Rápido, a organização paramilitar local, liderada por Mohamed Hamdan Dagalo.



#### Perigos pela falta de ensino

Para as crianças sudanesas, o direito à instrução é inexistente, inclusive os sete milhões que se matricularam para retornar às aulas. Porém, não podem fazê-lo porque 55% das escolas estão inacessíveis por terem sido destruídas, danificadas ou transformadas em abrigos para os deslocados internos. Seu futuro também está em risco, devido às mudanças climáticas, que danificam os edifícios escolares, como evidenciou o deslizamento de terra, que arrasou Tarasin, em Darfur Central, uma província no oeste do Sudão, em 31 de agosto. No entanto, o número de professores e materiais didáticos também são escassos, sem contar a crise do ensino, que é incontrolável. O diretor nacional da ONG no Sudão, Mohamed Abdiladif, teme que a continuação do conflito significa "para algumas crianças, nunca conseguirem concluir o ensino médio; para outras, significa nunca aprender a ler ou escrever, deixando as crianças expostas a perigos, imediatos e de longo prazo, inclusive o seu deslocamento, recrutamento por grupos armados e violência sexual".

#### Testemunho

Há cerca de dois anos atrás, a pequena Razan morava e estudava em Cartum, capital do Sudão, mas o conflito a obrigou a buscar abrigo em outro lugar, fato que a incluiu entre os 40 milhões de pessoas deslocadas internamente. Isso a levou, de repente, a deixar de ver seus colegas e professores. Após um ano, de tanto perguntar ao seu pai quando voltaria às aulas, conseguiu se matricular, no ano letivo, na vila de Sinjai, ao sudeste de Cartum. A menina, de 10 anos, narrou assim a sua experiência ao "Save the Children": "Fiquei triste por perder um ano letivo. Senti muita falta dos meus amigos e da minha turma. Não quero mais guerras. Só quero colocar minha mochila nas costas e todas as manhãs ir aprender coisas novas".

#### Outras emergências

Continuam a se acumular as emergências causadas pela guerra, que ceifou a vida de 40.000 pessoas, nos últimos meses, sobretudo, crianças e mulheres. No assédio de Al-Fasher, em Darfur do Norte, em abril de 2024, mais de 1.000 crianças foram assassinadas e mutiladas. No entanto, 46% das sobreviventes sofrem de desnutrição aguda grave; muitas vezes, a única refeição delas é uma tigela de ração animal, o que, segundo a UNICEF, coloca a sua saúde em risco. Embora não contraíam malária, cólera ou dengue, sofrem graves atos de violência.

Fonte: Vatican News

---

#### **Jovens da periferia de Recife em turnê internacional com artistas de países em guerra**

"Nesse cenário, a Orquestra Criança Cidadã e o projeto Concertos pela Paz se afirmam como um contraponto, um gesto simbólico e concreto de resistência ao ódio", diz João Targino, coordenador-geral da Orquestra Criança Cidadã de Recife/PE, que visa o resgate social de crianças carentes através da música. Atualmente, o projeto atende gratuitamente 400 jovens entre os 6 e 21 anos. Os alunos recebem aulas de instrumentos de cordas, sopros ou percussão, solfejo, flauta doce e canto coral.

*Leandro Ávila*



Mais uma vez a arte se torna voz coerente na incoerência de um mundo marcado por guerras e tensões diplomáticas. Uma melodia sonora ecoa da periferia do Recife, em solo brasileiro, e alcança o mundo, unindo músicos de regiões de conflito e de vulnerabilidade social em uma pauta pela paz. Esses acordes harmônicos se unem à voz do Papa Leão XIV que, em meio ao sofrimento de tantos, tem se feito presença de oração, ação e apelo pela paz nas realidades em guerra pelo mundo:

*“A imensa tragédia da Segunda Guerra Mundial terminou há 80 anos, em 8 de maio, depois de causar 60 milhões de vítimas. No atual cenário dramático de uma terceira guerra mundial em pedaços, como tantas vezes afirmou o Papa Francisco, também eu me dirijo aos poderosos do mundo, repetindo o apelo sempre atual: ‘Nunca mais a guerra!’”*

Esse pedido ressoa em um novo clamor pela paz mundial, numa turnê internacional que transpõe fronteiras, idiomas, nacionalidades, diferenças e rivalidades, sob o espírito pacifista de um peregrinar pela reconciliação. Artistas de países feridos por conflitos bélicos e tensões históricas unem-se a integrantes da Orquestra Criança Cidadã — projeto que nasceu em Recife/PE e promove cidadania por meio da arte — em uma série de Concertos pela Paz que serão realizados na Ásia e no Vaticano, para sensibilizar o mundo diante da urgência de pôr fim a confrontos, destruição e mortes.

Concerto pela Paz chega ao Papa

A delegação é formada por jovens do Brasil, Rússia, Ucrânia, Irã, Palestina, Israel, Coreia do Sul e Coreia do Norte, e, segundo a organização da turnê, deve encerrar as apresentações com um concerto para o Papa Leão XIV, na Praça de São Pedro, em Roma, no dia 8 de outubro. Os detalhes da turnê internacional e do projeto de Recife vêm em uma entrevista concedida por João Targino, coordenador-geral da Orquestra Criança Cidadã.

**Neste tempo em que vivemos, marcado por tanta instabilidade bélica, com guerras e conflitos em diversos continentes, como se avalia a importância de iniciativas como a da Orquestra Cidadã, que une artistas de países em conflito e em situações de vulnerabilidade, transformando a arte e o belo em um grito pela paz?**

A música, enquanto linguagem universal, tem a capacidade singular de transpor fronteiras políticas, culturais e ideológicas. Vivemos um tempo de intensas divisões, no qual a beligerância insiste em prevalecer sobre o diálogo. Nesse cenário, a Orquestra Criança Cidadã e o projeto Concertos pela Paz se afirmam como um contraponto, um gesto simbólico e concreto de resistência ao ódio. Ao reunir artistas oriundos de nações em conflito ou de contextos de vulnerabilidade, afirmamos que o belo pode ser instrumento de reconciliação, de reconhecimento da humanidade comum que nos une. Trata-se, portanto, de um chamado à paz que não se faz por palavras vazias, mas por meio de uma experiência estética que atinge a razão e, sobretudo, o coração.

**Como foi possível articular a união da orquestra com músicos de diferentes partes do mundo e construir esta turnê internacional?**

Não se trata de obra individual, mas de um esforço coletivo sustentado por anos de perseverança e de credibilidade construída. A Orquestra Criança Cidadã nasceu no Recife como um projeto social

voltado para a transformação de vidas pela música. Com o tempo, consolidou-se como referência, obtendo reconhecimento no Brasil e no exterior. A partir dessa trajetória, foi possível estabelecer pontes com instituições, governos, organismos internacionais e artistas de diversas nacionalidades. A turnê internacional decorre dessa rede de confiança, somada ao apoio de parceiros que acreditam no poder transformador da música. A articulação se dá pela convicção de que estamos servindo a uma causa que transcende interesses particulares: a construção de um testemunho coletivo pela paz.

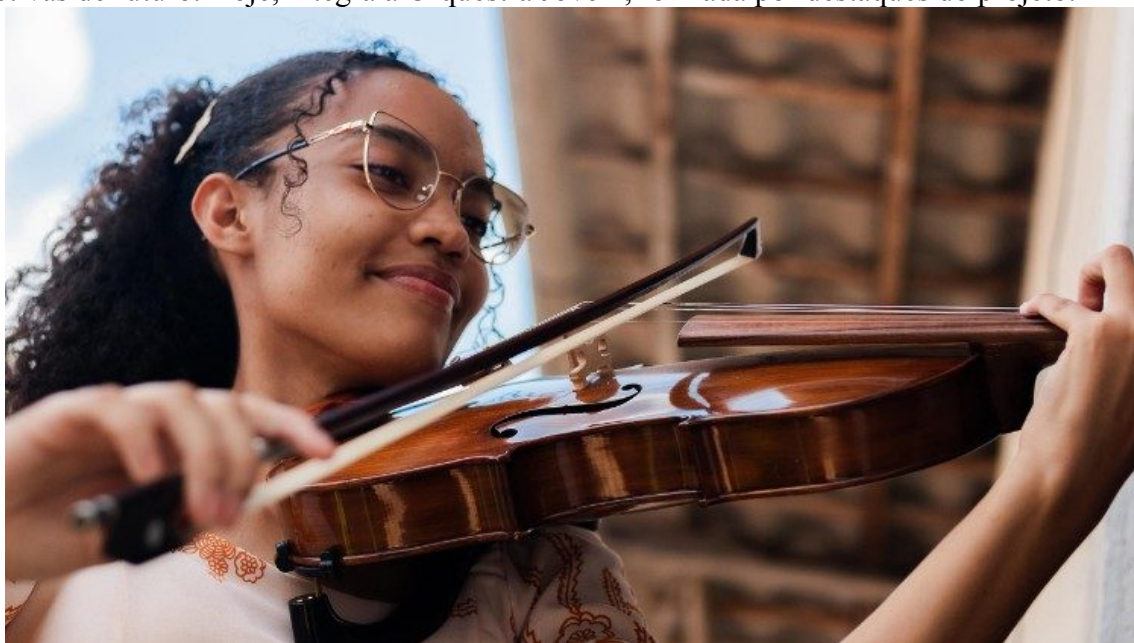
**De que forma se dá a ação do projeto e quais as implicações que percebe na vida dos jovens brasileiros participantes, considerando as realidades em que estão inseridos?**

O projeto atua em comunidades de extrema vulnerabilidade social, oferecendo ensino musical de excelência aliado à formação cidadã. Não se trata apenas de ensinar técnica instrumental, mas de abrir horizontes, despertar potenciais e inculcar valores de disciplina, respeito e solidariedade. Os jovens brasileiros que integram a Orquestra Criança Cidadã são oriundos de contextos marcados pela carência material e, muitas vezes, pela ausência de perspectivas. Ao vivenciarem a experiência de integrar uma orquestra internacional e de dialogar com músicos de diferentes culturas, eles se percebem como protagonistas de uma história maior. A música, neste caso, não é mero ornamento, mas instrumento de emancipação. Os frutos são visíveis: jovens que ascendem academicamente, profissionalmente e, sobretudo, como seres humanos mais conscientes do seu papel no mundo.

Acredito que a paz não é uma utopia distante, mas uma construção diária, feita de pequenos gestos que se multiplicam e ganham escala. A Orquestra Criança Cidadã e os Concertos pela Paz são um desses gestos. Se conseguirmos tocar corações, despertar consciências e provocar reflexões por meio da música, já teremos cumprido uma parte essencial da nossa missão. Minha palavra final é de esperança: que esta iniciativa inspire outros a acreditar no poder transformador da arte e a trabalhar incansavelmente pela paz que todos almejamos, mas que depende de cada um de nós para se tornar realidade.

Na música, um espaço de acolhimento e possibilidades

A musicista Ana Clara de Souza, de 17 anos, integrante da Orquestra Criança Cidadã, fala da alegria de participar de sua primeira viagem internacional. A violista, que perdeu o pai aos 9 anos vítima de um câncer no fígado, encontrou na música a oportunidade de construir uma vida com novas perspectivas de futuro. Hoje, integra a Orquestra Jovem, formada por destaques do projeto.



*Ana Clara de Souza, de 17 anos, que hoje participa da Orquestra Jovem (Augusto Cataldi)*

**Quais horizontes o projeto abriu para a sua vida em comparação com a realidade que você vivia antes da música?**

O projeto mudou completamente a minha vida. Eu cresci no bairro do Coque e enfrentei muitas dificuldades. Ainda criança, perdi meu pai, o que foi um momento muito doloroso para mim. Quando entrei na orquestra, aos 11 anos, encontrei não só a música, mas também um espaço de acolhimento e de possibilidades. A viola se tornou a minha paixão e, através dela, conheci lugares, pessoas e experiências que nunca imaginei viver. Hoje eu posso sonhar mais alto, seja como musicista ou como

futura psicóloga. O projeto me abriu horizontes que antes eu não enxergava e me mostrou que a persistência realmente vale a pena.

### **Como você enxerga essa ação pela paz no mundo, especialmente diante do sofrimento de tantos jovens que vivem em meio a conflitos?**

Quando penso na paz, penso em tudo o que a música já fez por mim. Ela me ajudou a superar perdas, lidar com minhas inseguranças e acreditar em mim mesma. Se a música foi capaz de transformar a minha vida, acredito que também pode tocar a vida de jovens que enfrentam situações ainda mais difíceis, como aqueles que vivem guerras e violências diariamente.

Estar ao lado de músicos vindos de realidades tão diversas, inclusive de regiões em conflito, mostra que podemos nos unir e falar a mesma língua: a música. Essa ação é um exemplo de que a arte pode ser caminho de cura para feridas profundas e pode espalhar esperança em meio às perdas.

### **Qual o sentimento diante desta oportunidade?**

Sinto uma gratidão enorme por cada oportunidade que recebi até aqui. Já vivi momentos de frustração quando não fui aprovada em turnês anteriores, mas aprendi que a persistência abre portas. Agora vou realizar minha primeira viagem internacional com os Concertos pela Paz. É um sonho que carrego comigo e com a minha família, que sempre esteve ao meu lado. Quero que cada apresentação seja uma forma de agradecer e também de mostrar que, mesmo diante das dificuldades, é possível vencer. A música mudou a minha vida, e espero que a nossa mensagem toque o coração de muitas pessoas pelo mundo.

#### A turnê internacional

A turnê acontece de 26 de setembro a 9 de outubro, com concertos no Youngsan Art Hall, em Seul (Coreia do Sul); no Parque Memorial da Paz e no Teatro YMCA, em Hiroshima; e na Expo 2025, em Osaka, no Japão. O encerramento será com um concerto na Praça de São Pedro, no Vaticano, diante do Papa Leão XIV, no dia 8 de outubro.

Apesar de ser a primeira experiência internacional para alguns integrantes, a Orquestra Criança Cidadã já acumula em seu currículo apresentações nacionais e internacionais, em países como Alemanha, Portugal, Estados Unidos, Itália, Argentina, China e Israel. Os convites são frutos da qualidade artística do grupo e do impacto social do trabalho desenvolvido pela Associação Beneficente Criança Cidadã (ABECC).

Os meninos e meninas selecionados em Pernambuco residem no Coque, bairro com um dos piores índices de desenvolvimento humano da capital, e em Camela, distrito modesto da cidade de Ipojuca, na Região Metropolitana. Encontraram no aprendizado da música uma brecha social para reduzir o risco de violências, crime, abandono, indiferença pública, falta de perspectivas comum a crianças e adolescentes da mesma faixa etária em localidades pobres.

Fonte: Vatican News

---

### **ONU diz “sim” a dois Estados, mas sem o Hamas. Israel: decisão vergonhosa**

A “Declaração de Nova Iorque” aprovada na sexta-feira pelas Nações Unidas abre caminho para o reconhecimento da Palestina e exige o desarmamento do Hamas. Por sua vez, surgem novos elementos sobre o ataque israelense a Doha, com o Mossad a informar que rejeitou o plano de Israel



No dia seguinte ao anúncio do primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu sobre novas colônias que dividirão a Cisjordânia em duas, a ONU se reuniu para uma votação não vinculativa que estabelece a vontade das Nações Unidas de reconhecer formalmente um Estado palestino. O texto, elaborado pela França e pela Arábia Saudita, obteve 142 votos a favor, 10 contra, além de Israel e Estados Unidos, também a Argentina e a Hungria, e 12 abstenções. Uma decisão não vinculativa e simbólica que “condena os ataques perpetrados em 7 de outubro contra civis” e afirma que “o Hamas deve entregar as armas e libertar todos os reféns” detidos em Gaza. A chamada “Declaração de Nova York” é um prelúdio para a próxima Assembleia das Nações Unidas, em 22 de setembro, que reunirá no Palácio de Vidro os chefes de Estado do mundo. Nessa ocasião, o presidente francês Emmanuel Macron prometeu reconhecer o Estado da Palestina.

#### A reação de Israel

A resposta do governo de Netanyahu foi categórica, definindo a votação das Nações Unidas como “vergonhosa” e “a favor do Hamas”. “Trata-se de uma sugestão que ignora completamente a realidade”, declarou o embaixador israelense na ONU, Danny Danon. “É uma declaração unilateral que abrevia a mentira de nossos vizinhos e apoia o Hamas”.

#### O Mossad intervém sobre o ataque no Catar

Por sua vez, novos elementos emergem sobre o ataque israelense na terça-feira, 9 de setembro, em Doha, no Catar. O Mossad, agência de inteligência israelense, declarou ter rejeitado o plano para assassinar os líderes do Hamas reunidos no país para dar continuidade às negociações. De acordo com o Washington Post, o diretor do Mossad, David Barnea, teria se recusado a implementar a operação planejada pelo governo israelense, que previa o uso de agentes em campo para assassinar os líderes do Hamas presentes na reunião. Segundo a agência de inteligência, a ação poderia romper o relacionamento estabelecido com as autoridades do Catar, que haviam hospedado o grupo islâmico e mediado as negociações de cessar-fogo. O ponto de discórdia, portanto, não é o objetivo de eliminar o Hamas, mas o momento da operação. Por outro lado, o chefe da Casa Branca recebeu no sábado, 13 de setembro, em Washington, o xeque catariano Al Thani na tentativa de serenar as relações com o país.

#### Continua a ofensiva sobre a cidade de Gaza

No mesmo dia, os ataques israelenses continuaram incessantes e mataram mais de 30 pessoas em toda a cidade de Gaza, entre elas — segundo fontes médicas — 12 crianças. Mais de 1.800 edifícios teriam sido destruídos ou gravemente danificados pelos bombardeios. Ao norte da cidade de Gaza, em Jabalya, o exército israelense arrasou mais de 750 edifícios. As imagens captadas para a pesquisa mostraram que a destruição foi causada por demolições realizadas por terra de forma capilar, quarteirão por quarteirão. - Fonte: Vatican News

---

#### As raízes da violência política nos Estados Unidos

O assassinato do ativista Charlie Kirk em 10 de setembro, durante um encontro no campus da Universidade Utah Valley, em Orem, reacendeu o debate sobre a violência política nos Estados Unidos. E não se trata de um fenômeno recente, mas faz parte da história do país. Para tentar entendê-lo, a

Rádio Vaticano ouviu relatos de expoente do mundo institucional e social do país da América do Norte, além de estudantes e analistas.

*Guglielmo Gallone - Città del Vaticano*

Quais são as raízes culturais e sociais da violência política nos Estados Unidos? De onde nasce o medo do outro, a intolerância em relação a quem pensa diferente? E como a polarização leva ao risco de transformar a identidade estadunidense e a possibilidade de coexistência democrática?



As imagens que emergem de uma América violenta, em profunda crise de identidade, assustam e suscitam questionamentos sobre o que está acontecendo. O assassinato do ativista político conservador Charlie Kirk é apenas o mais recente de uma longa série de atos políticos agressivos perpetrados contra expoentes do pensamento republicano e democrata, revelando o cerne da crise pela qual atravessa o país: a profunda dificuldade da escuta recíproca e, conseqüentemente, a incapacidade de aceitar a diversidade de pensamento.

Atos extremos como o de quarta-feira, 10, — e especialmente em um lugar símbolo desse momento de inquietação, como as universidades, onde o diálogo é cada vez mais difícil — passam também, e sobretudo, pelo "fator humano": solidão, falta de confiança, sensação de abandono e a incapacidade de encontrar espaços comunitários para se conectar e se envolver. Para entender onde se alicerçam os fundamentos de uma crise que é simultaneamente política, social e cultural, recorreremos a especialistas dos Estados Unidos e a jovens cidadãos do país.

A análise de Seth Cropsey, fundador e presidente do Instituto Yorktown, ex-oficial da Marinha e vice-subsecretário da Marinha dos EUA

O assassinato político de Charlie Kirk evidenciou as divisões que caracterizam a sociedade americana atual e trouxe à tona uma das principais preocupações que atormentam os Estados Unidos desde sua fundação, há quase 250 anos. A primeira frase da Constituição dos EUA declara seu propósito: "Formar uma união mais perfeita". "Formar uma união mais perfeita" tem sido um desafio constante na política americana, desde o debate da Convenção Constitucional de 1787 sobre como contar os escravos para fins de representação no Congresso, até a Guerra Civil.

Outras divisões profundas na política americana incluem o debate sobre isolacionismo que precedeu o naufrágio do Lusitânia antes da Primeira Guerra Mundial e um debate semelhante que precedeu o ataque a Pearl Harbor, que levou os Estados Unidos a entrar na Segunda Guerra Mundial. Posteriormente, o tratamento dispensado aos afro-americanos dividiu os Estados do Norte e do Sul até a aprovação, por parte do Congresso, do *Civil Rights Act* de 1964.

O assassinato de Kirk é o último de uma série de assassinatos políticos, cuja onda mais recente começou com as tentativas de assassinato de Gabby Giffords em 2011 e de Steve Scalise em 2017, ambos membros do Congresso. Mais recentemente, dois membros democratas da legislatura estadual de Minnesota foram baleados, um dos quais morreu. O presidente Donald Trump foi alvo de duas tentativas de assassinato no ano passado. Em abril de 2025, a casa do governador da Pensilvânia, Joshua David Shapiro, foi incendiada. Também neste ano, um jovem, aparentemente movido por ressentimento pessoal, foi acusado de assassinar um executivo de uma seguradora de saúde. Graças à

internet, que serve como válvula de escape para uma variedade aparentemente infinita de patologias sociais, esse jovem se tornou uma espécie de herói popular.

O que está acontecendo nos Estados Unidos? A retórica política se tornou acalorada, refletindo a crescente divisão entre os extremos dos dois principais partidos políticos. A internet alimenta essa divisão, assim como os discursos dos políticos. A linguagem vulgar passou a fazer parte do debate público. Um dos lados acusa o outro de fascismo, que por sua vez é acusado de comunismo. As universidades de elite dos Estados Unidos, após décadas de declínio progressivo em direção à intolerância a opiniões que divergem daquelas dos docentes e em direção à tolerância ao antissemitismo, representam um elemento significativo nessa mistura tóxica que incentiva a demonização de oponentes políticos e fomenta um clima que alimenta a violência política.

O resultado é que as normas sociais e a coesão que pelo menos mantinham vivo um discurso civil, se desgastaram e podem ter perdido a capacidade de moldar comportamentos. Consequentemente, um líder político que buscava promover mudanças por meio do debate e da argumentação — as formas legítimas de persuasão — não existe mais.

A questão para a sociedade estadunidense é se é possível sair da beira deste abismo: a esperança de “aperfeiçoar a nossa união” desapareceu?

As vozes de David Lapp, cofundador da *Braver Angels*, e Amber Lapp, pesquisadora do *Institute for Family Studies* e colaboradora do think tank *American Compass*

Em 2010, quando começamos a entrevistar jovens adultos da classe trabalhadora em uma pequena cidade de Ohio, esperávamos saber de suas famílias, seus empregos e suas convicções. O que nos surpreendeu, no entanto, foi o quanto eles falavam continuamente sobre confiança. Durante longas conversas em cafés ou ao redor de uma fogueira, eles diziam coisas como "Tenho problemas de confiança" e "não confio em ninguém". Sinceramente, a confiança não era algo em que pensávamos muito. Crescidos em ambientes de grande confiança — Amber em uma igreja evangélica muito unida e David na comunidade Amish —, considerávamos como óbvio. Mas esses jovens adultos nos contavam que viam o mundo como um lugar onde não se podia contar com os outros. E que isso tornava extremamente difícil fazer coisas como manter um emprego ou se casar. As origens dessa desconfiança? Muitos a atribuíram à fragmentação familiar. Posteriormente, a desconfiança era agravada por locais de trabalho onde se sentiam explorados e facilmente substituíveis.

A violência política se prolifera em ambientes de baixa confiança. A confiança é a moeda das sociedades pacíficas: é o que as pessoas trocam entre si. Ela traz bem-estar e segurança. Quando existe um sólido grupo intermediário de pessoas confiantes e confiáveis, a polarização e a radicalização permanecem à margem. Mas quando as pessoas estão menos conectadas entre elas, as vozes mais destrutivas acabam parecendo representativas. E, levadas pelo medo e pela autodefesa, aqueles que estão no centro correm o risco de endurecer o coração e se inclinar para os extremos.

No último mês, organizamos um evento em nossa cidade que reunirá cidadãos comuns, igualmente divididos entre esquerda e direita, para uma discussão aberta sobre imigração. O objetivo não é mudar a opinião dos outros, mas descobrir quais pontos em comum possam por ventura já existir. Após o assassinato de Charlie Kirk, alguém nos contatou para nos dizer que estava com medo de comparecer ao nosso evento, mas depois decidiu que iria assim mesmo. Outro, que antes não se interessava, inscreveu-se, em parte para homenagear Kirk, que acreditava em conversar com aqueles que pensam diferente. O que antes parecia um diálogo diário agora surge sob uma luz nova, urgente e até heroica. O que antes parecia muito "kumbaya" (pouco prático e altamente idealista) agora parece fundamental e essencial. Repetidamente, ficamos impressionados com a forma como encontros pessoais simples, e muitas vezes surpreendentes, podem reverter o processo de desconfiança. Se a crise é pessoal, faz sentido que a solução também seja pessoal.

O testemunho de Grace, uma estudante de direito de 23 anos no Tennessee

O que mais me impressionou no assassinato de Charlie Kirk foi o lugar onde aconteceu: a universidade. Cresci em Knoxville, Tennessee, em uma família onde falávamos sobre tudo: política, fé, esportes, até mesmo sobre quem fazia o melhor churrasco do bairro. Podíamos discutir, mas no final sempre havia um abraço ou um jogo de futebol para unir a todos. Nos últimos anos, especialmente quando cheguei à faculdade, percebi que algo estava mudando: muitos jovens têm medo de expressar suas opiniões. É como se não houvesse mais aquele espaço seguro onde você pode discutir as coisas sem medo de perder amigos ou ser julgado. Estamos divididos sobre tudo: da Palestina a Israel, de

Trump a Harris, do beisebol ao basquete. Então, permanecemos em silêncio, reprimimos as emoções, a raiva. E aqueles que são mais frágeis, mais sozinhos, às vezes encontram na violência a única maneira de se fazerem ouvir. Isso me assusta, porque sei que pode acontecer novamente. Porque nos Estados Unidos, estamos todos muito mais frágeis do que antes, e somos todos menos capazes de dizê-lo.

O testemunho de Tyler, 24, um estudante de comunicação em Nova York

O assassinato de Charlie Kirk me surpreendeu não tanto por quem era a vítima, mas por parecer inevitável. No meu país, a política agora é vista como uma demonstração de força: quem grita mais alto, quem aniquila o inimigo, quem atira, vence. Mesmo para nós, estudantes, está se tornando cada vez mais desconfortável falar abertamente em sala de aula. Há algum tempo, quando o professor perguntava por que muitos de nós ficávamos em silêncio durante debates ou palestras, as respostas eram sempre as mesmas: medo de dizer a coisa errada, ansiedade social, o risco de ofender alguém está constantemente presente, mesmo que o tema não seja político. E então você permanece em silêncio, pelo menos até ter 100% de certeza. Às vezes penso: estou exagerando? Talvez seja apenas ansiedade juvenil. Mas a polarização está em toda parte, nas postagens nas redes sociais, nas manchetes, nos comentários que competem para ver quem está mais indignado. E você sente esse muro invisível entre "nós" e "eles" crescendo a cada dia. Há outra coisa que me pesa: temo que, se eu disser algo impopular, isso possa acabar no TikTok ou no Instagram, circular, ser ridicularizado. É como se toda opinião se tornasse um risco. Prefiro ficar em silêncio antes que me expor. E, enquanto isso, sinto a raiva crescendo, que muitos se sentem sozinhos, excluídos e não sabemos nos confrontar. O que o assassinato de Charlie Kirk tem em comum com tantos outros massacres é a idade média dos assassinos: são todos muito jovens. E isso não é um bom presságio.

As palavras de John Wood Jr., embaixador nacional do movimento *Braver Angels*

Não combatemos e não nos matamos simplesmente porque somos estranhos ou porque não gostamos uns dos outros. A violência política não nasce apenas por isso. A Guerra Civil americana era o resultado de um processo histórico no qual o Norte e o Sul se distanciaram culturalmente, desenvolvendo antipatias regionais e de classe. Os sulistas eram vistos como preguiçosos, quase incivilizados; os nortistas, como agricultores industriais sujos e aproveitadores, um povo sem raízes, sem a mentalidade civilizada dos cavalheiros agrários. Mas essas diferenças culturais foram exacerbadas por conflitos de interesse relacionados à política: um governo federal cada vez mais poderoso e uma interpretação constitucional em constante expansão que via a agricultura e os estados do Sul perderem peso econômico e influência política, aos quais, mais especificamente, se somava a questão da escravidão.

Quando Abraham Lincoln se candidatou à presidência, insistiu firmemente que, embora a escravidão fosse um mal, aqueles que a apoiavam eram, em geral, pessoas boas. O conflito de interesses entre o Norte e o Sul na política era inevitável, mas Lincoln esperava restabelecer a conexão social e a familiaridade cultural entre os dois lados, observando em um discurso de campanha que tivera a sorte de se casar com uma sulista.

Essa tentativa fracassou: o processo de polarização já estava muito avançado e a escravidão era uma questão muito arraigada. No entanto, Lincoln estava certo ao acreditar que somente um forte senso de fraternidade entre os estadunidenses poderia evitar a guerra e a violência política que um dia lhe tiraria a vida.

Foi precisamente reconhecendo essa realidade que Martin Luther King Jr. liderou um movimento não violento para reafirmar a comunhão social e espiritual americana, mesmo em meio a um movimento pelos direitos civis no qual os interesses materiais e políticos do Sul branco e dos afro-americanos (e dos liberais em outras áreas do país) estavam claramente em desacordo. King também foi vítima de violência política, mas, como demonstram seu legado e o sucesso da integração, sua filosofia de reconciliação estava orientada na direção certa. "Não buscamos derrotar ou humilhar nossos adversários, mas conquistar sua amizade e compreensão", ensinou King. Isso desencadeou uma mudança cultural que perdurou até hoje. Não podemos evitar conflitos de interesse. Mas podemos fortalecer nossos laços sociais para torná-los resilientes a esses conflitos, na esperança de transcender a violência.

Análise de Federico Petroni, da revista geopolítica italiana "Limes", especialista em Estados Unidos

A violência política é uma constante na história estadunidense. Mas cada aniversário tem suas próprias características. Hoje, a violência decorre de uma genuína crise de convivência. É um aspecto de uma doença antissocial que assola os Estados Unidos. Em comparação com o passado, nos últimos trinta anos, os americanos tornaram-se mais deprimidos, solitários, viciados, têm menos famílias e menos filhos, muitas vezes criando-os sozinhos. Encontram-se menos no local de trabalho, vão menos à igreja, têm menos amigos, não se filiam mais a organizações profissionais e não participam mais de instituições cívicas. Tendem à autosegregação: falam apenas com aqueles que compartilham suas opiniões e vivem em bairros separados com base no nível de escolaridade, que determina sua orientação política.

Democratas e republicanos não se casam mais. Há uma tendência niilista: eles não acreditam mais em nada, a começar pelas instituições e pelo sonho americano, a espinha dorsal e a alma do país. Assim, a política incentiva o ódio. A tragédia dos Estados Unidos hoje é que eles veem o inimigo não de fora, mas de dentro. Não a China ou a Rússia, mas aqueles que votam no outro partido. A América necessita ser salva de si mesma, de seu lado sombrio. Obviamente, cada lado acusa o outro de encarnar essa escuridão. O que está em jogo é existencial: se seus oponentes vencerem, não haverá mais país nem democracia. Se perde, extinguirão seu modo de vida, a autêntica religião nacional.

Pesquisas confiáveis relatam percepções alarmantes entre minorias significativas: aqueles que votam no outro partido são subumanos e animais, merecedores da morte. Seus rivais? Fascistas implacáveis ou comunistas loucos. Eles querem apagar direitos ou a diferença entre homens e mulheres. Essas percepções também são difundidas na Europa. Mas na América, elas produzem a maior intensidade. Sem coesão social, é óbvio que Washington perderá o controle das guerras estrangeiras ou que recuará de forma desordenada, livrando-se dos fardos do império na tentativa de salvar a nação.- Fonte: Vatican News

---

#### **Guido Convents - Um legado útil ao estudo do cinema africano**

Faleceu a 10/9/2025 na Bélgica, sua terra natal, aos 69 anos de idade, Guido Convents, antropólogo e historiador que muito fez para preservar a memória do cinema e pela promoção do cinema africano. Do seu legado ficam a publicação de livros sobre o cinema em Moçambique, na República Democrática do Congo, a criação do Afrika Film Festival de Lovain, atenção à formação de jovens. Aspetos que chegou a partilhar com a Radio Vaticano e que repropomos, em sua memória, à vossa atenção.

*Dulce Araújo - Vatican News*

Nascera a 10 de maio de 1956, em Lummen, na Bélgica, e faleceu a 10 de setembro de 2025 em Louvain - escreve a SIGNIS na sua página web, recordando que Guido era um distinto historiador de cinema e um incansável defensor da preservação da memória cinematográfica.



*Guido Convents (1956-2025) - Historiador de cinema e antropólogo*

Durante muitos anos, Guido foi responsável do Desk Cinema na SIGNIS, Organização Católica Internacional de Comunicação que, entre outras tarefas, está presente em vários festivais de cinema no

mundo, entre os quais no FESPCO, com um júri próprio que atribui, desde há décadas um prémio a filmes que dão atenção aos valores humanos, espirituais, cristãos.

Da OCIC à Signis sempre acompanhando o cinema africano

Mas, este escrupuloso estudioso de cinema, aproximara-se do cinema em África já desde os anos 60, nos tempos da OCIC, Organização Católica Internacional de Cinema (que veio mais tarde a dar origem à SIGNIS), olhando para a forma como o cinema colonial retratava a África. Época que incluiu no livro, em francês, "*Imagem e Democracia: Os Congolese face ao cinema e ao audiovisual. Uma história político-cultural do Congo, dos Belgas até à República Democrática do Congo (1896-2006)*," livro de quase 500 páginas publicado, na Bélgica em 2006.

Dele é também o livro "*Imagens & realidade. Os Moçambicanos perante o cinema e o audiovisual: uma história político-cultural do Moçambique colonial até à República de Moçambique (1896-2010)*". Edições Dockanema/Áfrika Film Festival, 2011.

Desvendar o passado, acompanhar o presente e entrever o futuro

A sua visão histórica prendia-se com o desvendar a forma como as potências coloniais retratavam a África no cinema e audiovisual, mas também com a preocupação de acompanhar a evolução do cinema africano pós-independência, apoian o desejo dos africanos de se emancipar também através da arte e da cultura, apropriando-se das suas próprias imagens. Foi nesta ótica que Guido criou o *Afrika Film Festival de Lovain*, ou seja, dizia ele, para ajudar os indígenas belgas a mudar a visão estereotipada que tinham da África.

Falta de política cinematográfica e de financiamento

Guido lamentava-se, por vezes, que não houvesse uma verdadeira política e financiamentos por parte de instituições africanas como a UA, ao cinema africano. Mas acreditava muito nesse cinema e o seu empenho na formação de jovens cineastas, inclusive dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) era constante. Para ele, a tecnologia digital facilita muito o desenvolvimento do cinema africano, na medida em que permite fazer filmes de forma menos custosa do que antes. A sua atenção ia também pelo desenvolvimento do cinema no Ruanda, no domínio da formação e da gemação entre o Afrika Film Festival e Mashiriki African Film Festival de Kigali.

Um profissional sério e homem alegre

Do seu legado, fica uma crença firme no cinema como meio de comunicação, livros, a visão de um mundo mais justo e equilibrado, graças também à contribuição do cinema. Guido era um homem tão sério na sua profissão, quanto alegre na vida e no relacionamento com os outros.

Fonte: Vatican News

### **Novo ano pastoral da Diocese de Roma será aberto pelo Papa Leão XIV**

*O pontífice conduzirá a liturgia da Palavra e entregará as linhas pastorais na Basílica de São João de Latrão na próxima sexta-feira, 19 de setembro.*

Na tarde da próxima sexta-feira, 19 de setembro, o Papa Leão XIV abrirá oficialmente o novo ano pastoral da Diocese de Roma. A cerimônia está programada para ter início às 17h45 (horário local), na Basílica de São João de Latrão. O pontífice conduzirá a liturgia da Palavra e entregará as linhas pastorais e posterior conclusões.



Este evento Diocesano contará com dois mil lugares disponíveis. Além dos párocos, vigários paroquiais, reitores, capelães e diáconos, estarão presentes: três leigos por paróquia, alguns

representantes da Consulta das Agregações Leigas e alguns representantes dos institutos religiosos masculinos e femininos. Os ingressos poderão ser retirados no Departamento Litúrgico do Vicariato.

### **Anúncio feito pelo Cardeal Baldassare Reina**

O anúncio oficial deste evento foi realizado pelo vigário do Papa, o Cardeal Baldassare Reina, através de uma carta dirigida a todos os fiéis da Diocese de Roma e divulgada no início do mês de agosto, por ocasião do Jubileu dos Jovens. Na missiva, o purpurado anunciou que o Pontífice “aceitou com alegria acompanhar pessoalmente o início do ano pastoral”.

“Desejo compartilhar esta alegria para que possamos alimentá-la, desde agora, com a oração”, afirmou. Destacando o Jubileu dos jovens, o Cardeal ressaltou que “vivemos dias de graça e ainda guardamos essa lembrança e esperamos, acima de tudo, valorizar o que experimentamos com a presença e as palavras do nosso Bispo e com o carinho dos jovens que vieram em grande número de todo o mundo para Roma”. (EPC)

Fonte: Gaudium Press

---

### **Papa recebe a presidência do CELAM no Vaticano**



*Papa Leão XIV com a presidência do CELAM. | Crédito: Vatican Media.*

*Por Almudena Martínez-Bordiú*

O papa Leão XIV recebeu a presidência do Conselho Episcopal Latino-Americano e do Caribe (CELAM) no Vaticano ontem (15).

Este encontro faz parte da visita apostólica que os bispos latino-americanos fizeram aos diversos dicastérios e dependências da Santa Sé.

O arcebispo de Porto Alegre (RS), cardeal Jaime Spengler, presidente do CELAM, disse que durante o encontro puderam "compartilhar as iniciativas que estamos desenvolvendo e nossos desafios".

Para os bispos, a audiência com o papa Leão XIV foi "uma oportunidade" que confirma "a atitude positiva da organização, sempre ligada à corresponsabilidade na missão".

Segundo o **CELAM, em comunicado**, foi uma ocasião que também "serviu para expressar gratidão ao Santo Padre" e felicitá-lo por seu 70º aniversário, celebrado em 14 de setembro.

Também participaram da audiência o arcebispo de Maracaibo, Venezuela, José Luis Azuaje Ayala, vice-presidente do CELAM; o arcebispo do Panamá, José Domingo Ulloa Mendieta, segundo vice-presidente; o bispo de San Pedro de Macorís, República Dominicana, Santiago Rodríguez Rodríguez; o bispo auxiliar de Cusco, Peru, Lizardo Herrera, secretário-geral do Celam; e o reverendo Eric Iván García, secretário-geral adjunto.

O bispo Lizardo Estrada disse que foi "um momento de familiaridade" e que o papa os recebeu com "grande calor e proximidade", principalmente porque "ele tem uma alma latino-americana".

Como ocorre a cada dois anos, a presidência do CELAM apresentou ao papa o relatório sobre a Igreja na América Latina, que inclui sua coordenação com os episcopados, os encontros regionais realizados no início deste ano e as realidades sociopolíticas que afetam os países da região.

Eles também apresentaram os resultados do trabalho que os bispos da América Latina estão fazendo em preparação para a cúpula da ONU COP 30 sobre mudanças climáticas, que acontecerá em Belém (PA), entre os dias 10 e 21 de novembro.

A presidência do Celam também mostrou ao papa uma prévia do processo sinodal na região, com base nas conclusões que emergiram do Documento Final do Sínodo, concluído em outubro do ano passado.

O Celam "instituiu um comitê de liderança continental que, a partir de várias esferas, promove a recepção do sínodo como um diálogo no espírito, o processo com as Conferências Episcopais na formação de equipes nacionais", diz o comunicado

Eles informaram que foi lançado um "ecossistema" de formação em sinodalidade, sob o nome *Together-juntos-insieme*, onde diversas entidades eclesiais promovem a preparação de paróquias, comunidades e instituições.

Ao final do encontro, o papa Leão XIV exortou os bispos a "continuarem trabalhando juntos, a promover o trabalho em rede e a acompanhar os episcopados".

Ele convidou os membros do CELAM a continuar promovendo a renovação da Igreja por meio de seu papel profético e missionário, como "sempre fez ao longo de seus 70 anos", para saber ler os sinais dos tempos.

Fonte: ACIDigital

---

### Coreanos querem que Carlo Acutis seja proclamado patrono da JMJ Seul 2027



*Peregrinos coreanos em Roma para o Jubileu da Juventude - São Carlo Acutis. | Créditos: Vatican Media / Família Acutis.*

Por Eduardo Berdejo

O bispo-auxiliar de Seul, Paul Kyung Sang Lee, disse que os jovens coreanos querem que São Carlo Acutis seja proclamado patrono da Jornada Mundial da Juventude (JMJ) 2027.

O bispo, responsável pelo Comitê Organizador da JMJ Seul 2027, disse à **agência vaticana Fides** que "Carlo Acutis já é uma referência e uma fonte de inspiração para os jovens coreanos".

"Ele é muito conhecido e, também em vista da Jornada Mundial da Juventude em Seul, em 2027, continuaremos a apresentá-lo como um exemplo contemporâneo de santidade, especialmente porque viveu a evangelização no mundo digital. Os jovens coreanos esperam que ele seja proclamado padroeiro da JMJ", disse.

O bispo informou que os mais de mil jovens coreanos que participaram do Jubileu da Juventude em Roma "visitaram o Santuário da Despojamento em Assis, onde repousa o corpo de Acutis".

Segundo o bispo, a cerimônia de canonização de Carlo Acutis e Pier Giorgio Frassati, ocorrida em 7 de setembro no Vaticano, "foi transmitida por canais católicos coreanos e acompanhada por um grande público"

"Lembramos que a família do santo nos doou uma relíquia de Acutis, que agora está guardada na capela do prédio onde está o Comitê Organizador da JMJ de Seul. Nossos jovens vêm

frequentemente à capela para pedir sua intercessão. Eles o sentem como um deles; é um santo millenial”, continuou.

O bispo Paul Kyung Sang Lee também disse que uma escultura do santo foi instalada no pátio da sede do veículo de comunicação da conferência episcopal sul-Coreana, a CPBC Catholic Peace Broadcasting and Peace Newspaper, em Jeodong, Seul.

“A presença de Acutis ali nos lembra a todos que os meios de comunicação podem ser canais para difundir o Evangelho”, disse.

O presidente do Comitê da Pastoral Juvenil da Conferência Episcopal Coreana, o bispo Kim Jong-gang, disse que “para os nossos jovens, nascidos e criados em um ambiente digital, a canonização de Carlo traz grande esperança e um senso de desafio”, pois lhes diz que “inclusive na adolescência, é possível colocar Deus em primeiro lugar e crescer no caminho espiritual por meio da oração e dos sacramentos”.

Segundo o bispo, são Carlo Acutis é “uma figura missionária adaptada à era digital” que “exorta os jovens coreanos a usarem suas habilidades digitais como ferramentas de evangelização”.

Ele contou que várias dioceses sul-coreanas estão organizando encontros catequéticos e de estudo para conhecer a vida e o testemunho de fé do santo italiano.

A JMJ Seul 2027 acontecerá de 3 a 8 de agosto de 2027, com o lema “Coragem, eu venci o mundo”.

A Coreia do Sul será o segundo país asiático a sediar uma Jornada Mundial da Juventude. O primeiro foi Filipinas, em 1995, com o evento realizado na capital, Manila.

Segundo um relatório de 2023 da Ajuda à Igreja que Sofre (ACN), 11,3% dos mais de 51 milhões de sul-coreanos são católicos.

Fonte: ACIDigital

---